

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões

Osiel da Silva Santos

O CONCEITO DE RELIGIÃO EM LUDWIG FEUERBACH: PRINCIPAIS REAÇÕES
CRÍTICAS, INFLUÊNCIAS E CONTEMPORANEIDADE DE SEU PENSAMENTO

VITÓRIA

2015

OSIEL DA SILVA SANTOS

O CONCEITO DE RELIGIÃO EM LUDWIG FEUERBACH: PRINCIPAIS REAÇÕES
CRÍTICAS, INFLUÊNCIAS E CONTEMPORANEIDADE DE SEU PENSAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida, como requisito do programa de mestrado para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero

VITÓRIA

2015

Santos, Osiel da Silva

O conceito de religião em Ludwig Feuerbach / Principais reações críticas, influências e contemporaneidade de seu pensamento / Osiel da Silva Santos. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

xiii, 90 f. ; 31 cm.

Orientador: Júlio Paulo Tavares Zabatiero

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2015.

Referências bibliográficas: f. 82-90

1. Ciência da religião. 2. Religião. 3. Ludwig Feuerbach. 4. Cristianismo. - Tese. I. Osiel da Silva Santos. II. Faculdade Unida de Vitória, 2015. III. Título.

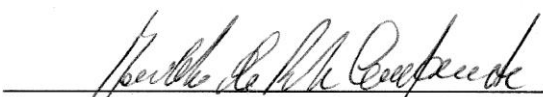
OSIEL DA SILVA SANTOS

**O CONCEITO DE RELIGIÃO EM LUDWIG FEUERBACH: PRINCIPAIS REAÇÕES
CRÍTICAS, INFLUÊNCIAS E CONTEMPORANEIDADE DE SEU PENSAMENTO**

Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões no
Programa de Mestrado Profissional em
Ciências das Religiões da Faculdade Unida
de Vitória.



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA (presidente)



Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA



Doutor Julio Paulo Tavares Zabatiero – UNIDA (orientador)

A todos e todas que porventura se aventuram em trilhar o caminho fascinante da busca pelo entendimento e compreensão do fenômeno religioso e suas implicações no homem e na construção de mundo e sociedade.

Agradeço a Deus pela força, disposição e saúde; A meus pais, Osvaldo Leal e Edinalva Santos; A minha Esposa Libna Santos pelo carinho e total apoio nos momentos de dificuldades; A meu orientador, Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero, pelos “nortes” desta pesquisa; A Faculdade Unida de Vitória pelo estímulo. A todos aqueles que contribuíram significativamente de forma direta ou indireta para que esta pesquisa acontecesse.

“A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação dos seus pensamentos íntimos, a confissão pública dos seus segredos de amor”.

(Ludwig Feuerbach)

RESUMO

O problema da religião bem como do cristianismo, tem sido tema discutido por várias décadas, fato este, que legitima a sua relevância. A religião é estudada pela história, psicologia, fenomenologia, psicanálise e pela sociologia. Todas essas ciências estudam metodicamente a consciência religiosa concreta e suas múltiplas objetivações na história. De igual modo, percebemos ser extremamente necessário também, um pensar antropológico da religião. Para tanto, podemos apontar o pensar do alemão Ludwig Feuerbach, um dos críticos da religião não bem visto pela maioria dos teólogos. Em sua hermenêutica da religião, e também do cristianismo revelou sua intencionalidade profundamente antropológica. Acredita que para se conhecer um homem, basta conhecer seu Deus, já que na sua concepção a religião, o Deus do homem, nada mais é do que a projeção da intimidade da essência do homem. Todavia, é mediante tais afirmações e relevância de seu pensamento, que consiste o objetivo último deste trabalho em analisar o conceito feuerbachiano de religião. Neste processo, levaremos em consideração como elemento imprescindível a referida análise, as principais reações críticas ao autor, bem como a influência de seu pensamento e a contemporaneidade de seus escritos.

Palavras-chaves: Religião, Feuerbach, Cristianismo.

ABSTRACT

The religion problem as well as the Christianity's has been an issue discussed for decades, what makes it relevant. The Religion is studied by history, psychology, phenomenology, psychoanalysis and by sociology. All this science study methodically the religion consciousness and its multiple objectivity in history. The same way, we notice that is also extremely necessary an antropological thinking on religion. And for that we can point to the german Ludwig Feuerbach, one of the religion critical not well seen by most of the theologians. Feuerbach in his religion hermeneutics, as well as the cristianity, has as obejctive, to reveal his deep anthropologist intentionality. He believes that if you want to know a man you just need to know his God because in his conception the religion, the man's God, it is nothing more than the projection of the intimacy of the man essence. And it is through these affirmations and thinking importance that ultimate the objective of this study in analysing the feuerbachiano concept of religion. In this process, we will take in consideration as an important element the mentioned analysis, the main critical reactions to Feuerbach, and also the influency of his thinking and the contemporarity of his writings.

Key words: Religion, Feuerbach, Christianity.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

[]	interpolações/acrécimo de informações no texto citado
[...]	supressão de palavras no texto citado
Apud	citado em
Cf.	conforme
Ed.	editor ou edição
Eds	editores ou edição
Et al	e outros
Org.	organizador
Nº	número
In:	encontrado em
i.e.	isso é
PUCRS	Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
JUERP	Junta de Educação Religiosa e Publicações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. VIDA E PENSAMENTO DE LUDWIG FEUERBACH	16
1.1. CONTEXTO HISTÓRICO, SÓCIO-CULTURAL NO PERÍODO DE FEUERBACH	19
1.2. O PENSAMENTO SOBRE A RELIGIÃO	22
1.2.1. O Método feuerbachiano	22
1.2.2. A Relação com Hegel	24
1.2.3. A Antropologia Filosófica	26
1.2.4. Da Identidade do sujeito (consciência) à essência humana	27
1.2.5. Relação sujeito e predicado.....	29
1.2.6. Amplitude antropológica da crítica à religião	30
1.3. A CRÍTICA DA RELIGIÃO E O ATEÍSMO.....	33
2. O CONCEITO DE RELIGIÃO EM LUDWIG FEUERBACH	36
2.1. O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA COMO A BASE DA RELIGIÃO	36
2.1.1. Natureza- <i>tudo</i> versus Natureza- <i>nada</i>	40
2.1.2. A Natureza desdivinizada	41
2.2. RELIGIÃO COMO <i>AUTOCONSCIÊNCIA-PROJEÇÃO-ALIENAÇÃO</i>	42
2.3. O DESEJO COMO BASE DO FENÔMENO RELIGIOSO	45
2.3.1. O Ser humano como ser de desejo.....	45
2.3.2. A Oração como encontro do homem com seus desejos.....	46
2.3.3. O Amor como imperativo da realização do desejo.....	47
2.3.4. Fé é a íntima essência do desejo.....	48
2.3.5. Milagre é manifestação da natureza do desejo.....	50
2.3.6. Do Desejo imanente à transcendência do desejo.....	52
3. DESDOBRAMENTOS DA CRÍTICA RELIGIOSA E CONCEITO DA RELIGIÃO EM FEUERBACH	54
3.1. PRINCIPAIS REAÇÕES À CRÍTICA FEUERBACHIANA DA RELIGIÃO.....	54
3.1.1. Marx e Engels.....	54
3.1.2. Max Stirner.....	57

3.1.3. Bruno Bauer.....	59
3.2. INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO CRÍTICO RELIGIOSO DE FEUERBACH.....	60
3.2.1. A Influência em Karl Marx.....	60
3.2.2. A Influência em Friedrich Nietzsche.....	63
3.2.3. A Influência em Sigmund Freud.....	66
3.3. CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO CRÍTICO DE FEUERBACH SOBRE A RELIGIÃO.....	70
3.3.1. Rubem Alves.....	71
3.3.2. Adriane Veríssimo Serrão.....	72
3.3.3. José Crisóstomo de Souza.....	74
3.3.4. Draiton Gonzaga de Souza e Urbano Zilles.....	76
3.3.5. Eduardo F. Chagas, Deyve Redyson e Marcio G. de Paula.....	77
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Ludwig Feuerbach foi um filósofo alemão do século XIX, famosíssimo nos meios filosóficos e teológicos. Famosíssimo, “mas amaldiçoado”, pelo menos naqueles meios em que a filosofia está a serviço de dogmas não confessos, e a teologia vivencia momentos de glória. Tudo porque teria dito que a teologia é antropologia, ou seja, falar de Deus é falar do homem, e o homem só pode falar aquilo que lhe é dado em sua própria essência. Segundo o autor, Deus seria uma espécie de projeção da essência humana, a qual depois de hipostasiada e objetivada como uma coisa externa ao próprio homem, coisificada, portanto, é concebida como Deus. Também ousou contestar Hegel, cuja filosofia se havia tornado praticamente oficial, uma espécie de religião do Estado. Hegel, por sua vez, via na ideia a realidade fundamental. Feuerbach, de maneira contrária, a substitui por uma entidade imaginária, um mito superior – a humanidade. Substitui uma abstração – a consciência – por outra – a espécie.

Para este último, que se mostra um teólogo às avessas, os desejos do homem estariam assim representados, enquanto possibilidade, na figura de Deus, que é a representação imaginária da realização de todos os desejos humanos, superando os limites que a natureza lhe impõe. Segundo o mesmo, a religião é fruto do desejo humano. É assim, ilusão, realização dos mais velhos e mais fortes desejos da humanidade. Seriam, entretanto, estes desejos, algo inerente ao próprio homem, pois o homem é um ser desejante. São desejos, que segundo aponta Rubem Alves, “nascem da necessidade que tem o homem de se defender da força esmagadoramente superior da natureza”. É justamente aí, diria Feuerbach, que se encontra a essência do que somos. Somos os nossos desejos reprimidos, desejo que quer florescer.

Feuerbach também, não muito diferente do que já pensava o teólogo Schleiermacher, conceitua o sentimento de dependência como sendo à base da religião e, sobretudo, aponta a natureza como o primeiro objeto da religião. Utiliza-se da referida argumentação para fundamentar o sentimento de dependência como

base da religião em duas partes essenciais: “a primeira explica a origem subjetiva ou fundamento da religião, a outra mostra o objeto primeiro ou primitivo da religião”.¹

Na sequência de sua análise, Feuerbach interpreta e contrapõe as vertentes religiosas cristãs e pagãs e, nos revela que as religiões naturais, diferente do cristianismo, possuem um aspecto positivo que mostra a dependência do homem para com a natureza.²

No intuito de desvendar os segredos da essência humana, Feuerbach descobre o que poderíamos chamar de espelhamento do homem em Deus. Uma total equivalência entre as essências humanas e divinas. Nosso autor defenderá primeiramente a sua teoria da *autoprojeção* – um processo inconsciente de alheamento de si, que explica a ilusão da consciência religiosa – para depois inverter esse raciocínio e reduzir/traduzir o conteúdo da religião para seu verdadeiro dono, o homem. Aquilo que é aparentemente divino, não passa de uma realidade humana. Feuerbach afirma que “a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita.”³ Muito embora, seja uma autoconsciência indireta, pois o ser humano religioso não apresenta a consciência de que a consciência de Deus é a consciência de sua essência.⁴

É basicamente nesta concepção feuerbachiana de como surge a religião, que se configura a pretensão deste trabalho. Embora de forma sumariada, devido à ausência de material em português, que trate precisamente desta abordagem e, também, pelo fato de não ser um tema específico dos escritores. As abordagens sobre Feuerbach se dão muito mais no âmbito geral de seu pensamento, reservando-se apenas pequenos fragmentos para discorrer acerca do seu pensar sobre o conceito de religião.

¹ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas: Papirus, 1989, p. 29.

² Ver sobre isso em MELO, Regiany Gomes. *Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada*. In: Intuitio, portal de periódicos da PUCRS, Porto Alegre, Vol.4 – Nº. 2, novembro 2011, p.224-236. P. 226. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/9685>. Acessado em: 22 abril. 2014.

³ FEUERBACH, A Essência do Cristianismo. Trad. José da Silva Brandão, 2ª ed., Campinas: Papirus, 1997, p.44.

⁴ “É nessa perspectiva que a concepção feuerbachiana entende que toda e qualquer representação de uma essência supra-humana, isto é, da infinitude representado como transcendência exterior, mais não é do que essa mesma infinitude imanente à consciência quando é deslocada para fora dela e colocada acima dela como e Deus fosse um objeto sensível exteriormente existente e colhido pela percepção.” HAHN, P. *Consciência e emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova harmonia, 2003, p. 112.

Este fato foi o que, a princípio, nos motivou a buscar “*O Conceito de Religião em Ludwig Feuerbach: Principais Reações Críticas, Influências e Contemporaneidade de Seu Pensamento*”, tema que, por sua vez, visa focalizar não um ideal, mas os impasses, os conflitos e, sobretudo, a desmedida que vigora na relação do homem com seu Deus.

Este trabalho, em linhas gerais, visa apresentar o conceito de religião em Ludwig Feuerbach, seguido das principais reações críticas ao seu pensamento e, sobretudo, a influência que exercera em demais pensadores e a contemporaneidade de seus escritos. Para tanto, se faz necessário um entender melhor de seu pensamento sobre a religião.

O capítulo primeiro, que trata da vida e pensamento do autor, tem um caráter introdutório, válido para a melhor compreensão das outras partes mais específicas a seguir. Neste capítulo, iniciamos com uma breve biografia sobre o nosso autor, seguida de uma abordagem sobre o contexto histórico e sócio cultural no período. A seguir, no pensamento sobre a religião, trataremos do método feuerbachiano, bem como sua relação com Hegel, sua antropologia filosófica, a questão da identidade do sujeito (consciência) a essência humana, a relação sujeito e predicado e, sobretudo, a amplitude antropológica da religião. Ainda, pretendemos apresentar Feuerbach em sua crítica da religião e seu ateísmo.

O capítulo segundo, abordando o conceito de religião do filósofo, configura-se no objetivo último dessa pesquisa e entrará diretamente na discussão pretendida neste trabalho. Em um primeiro momento traz uma abordagem sobre o sentimento de dependência como a base da religião, o que por sua vez empreende a natureza-tudo versus natureza-nada e a natureza desdivinizada. Também, veremos como uma outra possível resposta feuerbachiana, quanto ao conceito de religião, a ideia da Autoconsciência-Projeção-Alienação e o desejo como base do fenômeno religioso. Quanto a este último mencionado, que versa sobre o desejo, pretende-se discorrer sobre ser humano como um ser desejoso, apresentar a oração como encontro do homem com seus desejos, expor o amor como imperativo de realização do desejo, explicitar a fé como a íntima essência do desejo e, finalmente, apontar o milagre como manifestação da natureza do desejo e, sobretudo, analisando em específico a ideia feuerbachiana de céu e aspectos imanentes à transcendência deste.

O capítulo terceiro, que trata dos desdobramentos da crítica religiosa, propõe a percorrer pelo caminho das principais reações à crítica religiosa e conceito de religião, a saber: Marx e Engels, Max Stirner e Bruno Bauer. Outro aspecto que abordamos no presente capítulo é sobre as influências do pensamento crítico religioso de Feuerbach. Sua influência em Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. E, por fim, a contemporaneidade do pensamento crítico de Feuerbach sobre a religião.

Conforme assevera Alves, somente um apaixonado pela religião escreveria algo que o condenaria ao ostracismo intelectual. Assim o fez. Por certo, não é possível seguir pensando que os seus enunciados são blasfêmias, sem antes, contudo, fazer uma análise que nos possibilite entender de maneira correta o seu pensamento sobre a religião.

1. VIDA E PENSAMENTO DE FEUERBACH

Não se pode fazer uma análise do ateísmo antropológico de Feuerbach, tão pouco, entender a sua crítica à religião, sem levar em conta a trajetória de sua vida.

Ludwig Andreas Feuerbach nasceu em 28 de julho de 1804, na cidade de Landshut, na Baviera. Seu pai, Anselm Ritter Von Feuerbach, foi um jurista famoso. Batizado na igreja católica, mas educado no protestantismo, Ludwig Feuerbach era um aluno dedicado e exemplar, devotado ao estudo do grego, do hebraico e da bíblia, no ginásio desejava ser pastor evangélico. A infância de Feuerbach transcorre de 1806 a 1814, em Munique. Realiza seus primeiros estudos em Bamberg (1814-1817) e Ansbach (1817-1822), concluindo seu bacharelado em 1822. Estudou teologia em Heidelberg (1823), com o racionalista Heinrich Eberhad Gottlob Paulus e depois com o hegeliano Karl Daub, que lhe desperta o interesse por Hegel. Mais tarde transfere-se para Berlim, curioso para entrar em contato com Hegel e sua filosofia, tornando-se então, aluno de Schleiermacher e Hegel. Após um ano de estudos, abandona a teologia e inicia os estudos filosóficos. Tornou-se um fervoroso hegeliano, chegando a declarar em uma carta a seu pai: "Aprendi com Hegel em quatro semanas tudo o que antes não aprendi em dois anos".

Depois de dois anos de contato com Hegel, Feuerbach considera-se suficientemente conhecedor da filosofia hegeliana. Aos poucos, vai se distanciando da influência de seu mestre Hegel, o que por sua vez faz surgir entre seus comentaristas a ideia de um primeiro Feuerbach, de inspiração hegeliana, e o maduro ou posterior Feuerbach, que adota uma postura filosófica, geralmente oposta a de seu mestre berlinense. O que na opinião de Souza, tal distanciamento de Feuerbach dos pensamentos e filosofia de Hegel pode ser explicitamente evidenciado “em sobre apreciação do escrito *A Essência do Cristianismo*, de 1842, em que mostra, ao longo da obra inteira, a diferença entre sua filosofia da religião e a de Hegel”.⁵

Em 1829, em Erlagen, inicia sua atividade docente lecionando até 1832, como professor auxiliar nas áreas de história da filosofia, lógica e metafísica. Em 1830, com a publicação anônima de *Pensamentos sobre morte e imortalidade*, obra através da qual explicitava a sua hostilidade às ideias religiosas, “Feuerbach ataca a

⁵ SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre, 1993, p. 22.

ideia de um Deus-Pessoa e nega a imortalidade pessoal".⁶ A polêmica que este trabalho gerou, fez com que sua carreira acadêmica fosse interrompida, impedindo-lhe, porém, a nomeação como professor em Erlangen. Deste modo, precoce e abruptamente, encerra sua carreira docente universitária, levando-o a se mudar para Burckberg. A partir daí, dedicou-se somente aos estudos, vivendo uma vida solitária.

Depois de tentar diversas vezes, inutilmente, voltar a lecionar na Universidade, Feuerbach casa-se com Berta Löw em 1837 e transfere-se definitivamente para Bruckberg, onde sua esposa era co-proprietária de uma fábrica de porcelana. Escreve quase todas as suas obras neste período. Em 1848, retornou para lecionar um curso em Heidelberg, a convite de alguns alunos, ocasião esta em que produz a obra "Lições sobre a essência da religião", publicada em 1851. Este foi um momento raro na vida de Feuerbach, que viveu sempre isolado dos demais e na miséria. Faleceu em Richnberg em 1872, esquecido por todos.

Feuerbach publicou as seguintes obras: "Pensamento sobre a morte e sobre a imortalidade" (1830); "Lições sobre a essência da religião" (1848-1849); "Crítica à filosofia hegeliana" (1839); "Teses provisórias para a reforma da filosofia" (1843); "Princípios da filosofia do futuro" (1844); "A essência do cristianismo" (1841); "A essência da religião" (1845); "Teologia segundo as fontes da antiguidade clássica judaica-cristã" (1857); "Divindade, liberdade e imortalidade do ponto de vista da antropologia" (1866); "Espiritualismo e materialismo" (1866); "O eudemonismo" - póstuma.⁷

Do ponto de vista de Souza "há várias formas de dividir a obra de Feuerbach, o que dependerá apenas do princípio de compreensão adotado".⁸ Não obstante esta diversidade de interpretações da obra feuerbachiana, Rodrigo Maciel Alckmin chama a atenção para o fato de que a maioria dos comentadores concorda em que as primeiras obras estão fortemente marcadas pela influência hegeliana, que gradualmente diminui, mas que evidentemente não desaparece.⁹

⁶ SOUZA, 1993, p. 23.

⁷ Estas, evidentemente, são apenas algumas de suas obras, as mais importantes. Existem várias edições dessas obras, entre as quais figuram: a da Suhrkamp, em seis volumes, editada por Erich Thies (1975), estudioso de Feuerbach; a de Wilhelm Bolin e Friedrich Jodl (1954-1964), em treze volumes e a editada por W. Schuffenhauer (1967-1973), em dez volumes.

⁸ SOUZA, 1993, p. 27.

⁹Ver sobre isto em ALCKMIN, Rodrigo Maciel. MARX E FEUERBACH: da Sensibilidade à Atividade Sensível. Belo Horizonte. UFMG / FAFICH. 2003. 174 p.

1.1. CONTEXTO HISTÓRICO (SÓCIO-CULTURAL) NO PERÍODO DE FEUERBACH

No desafio de uma correta compreensão acerca do pensamento e ideias Feuerbachianas sobre religião, faz-se necessário não somente conhecer a trajetória de vida do autor. É imprescindível levar em consideração o contexto histórico, o ambiente em que o mesmo está inserido. São os mais diversos elementos que estão a sua volta que, de algum modo, o influenciaram na sua maneira de pensar e agir. Fatores sociais, político e principais discussões filosóficas que contribuem significativamente para a formulação de seu pensamento. No caso de Feuerbach, sua crítica à religião.¹⁰

Nesta abordagem não se tem como principal objetivo aprofundar-se no contexto histórico da Alemanha no período de Feuerbach. No entanto, busca-se apenas apresentar uma sumariada “descrição do clima intelectual no cenário sócio político e econômico da época”,¹¹ para auxiliar na compreensão das ideias e pensamento feuerbachiano.

A Introdução aos *Pensamentos Sobre Morte e Imortalidade*, texto de maior intensidade dramática da fase juvenil de Feuerbach - na opinião de Serrão - descreve à semelhança de um cenário trágico, “a imagem de um mundo presente reduzido a escombros e desfeito em sombras, no qual a existência e a objetividade foram despojadas de verdade e se esfumaram em ilusão”.¹² Um quadro geral sobre o qual são traçadas as grandes fases da mentalidade europeia e acentuado o intrínseco ritmo declinante da história. Desde a revolução de 1789, enquanto a França experimentou uma reformulação político-social,

a Alemanha ainda possuía uma estrutura feudal que, à semelhança do contexto francês pré-revolução, encontrava sua justificativa ideológica na teologia”. Portanto, a igreja e a religião eram sustentáculos do sistema absolutista, o que impossibilitava a luta contra essa estrutura social, considerada injusta.¹³

¹⁰ Deveremos salientar que Feuerbach utiliza a palavra religião de forma nem sempre inequívoca, o que por vezes, numa primeira abordagem, pode dificultar a leitura. O termo religião tanto pode designar religião no seu sentido primordial, verdadeiro, de experiência de fé viva, como no sentido de teologia, de fé dogmática, teorizada, numa palavra, de fé morta.

¹¹ SARTÓRIO, Lúcia aparecida Valadares. *Antropologia de Feuerbach e alguns Delineamentos acerca de uma Possível Influência no Pensamento de Marx*, 2001. Em http://www.verinotio.org/di/di15_antropologia.pdf. Acessado em 21/04/2014 às 12:42. p.19.

¹² SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, p. 28.

¹³ RODRIGUES, Adriani Milli. *Religião, Teologia e antropologia: O Confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach*. Belo Horizonte, V.7, n.14, 2009. Em

Como bem afirmou Shütz, “a igreja e a religião se diziam portadora da vontade e onipotência divina”.¹⁴

Na percepção de Rodrigues, assim como aconteceu na França, que buscou se livrar dos traços de religião com a revolução que encontrou sua força e radicalizou-se no materialismo ateu, “na Alemanha da década de 1840, a crítica da religião era vista como passo necessário para a superação do absolutismo”.¹⁵ Não muito diferente dos pensamentos de Shütz e Rodrigues, Sartório também assevera que os intelectuais alemães, em sua época, haviam aderido com entusiasmo à revolução francesa de 1789 e que, sobretudo,

miravam-se nas transformações realizadas pela França e Inglaterra, que vivenciaram um processo de desenvolvimento bem distinto da Alemanha. Nestes dois países houve uma luta efetiva entre a burguesia e o Estado Absolutista; além disso, o movimento humanista marcou presença e fortaleceu as transformações político-sociais. Posteriormente, o Movimento Iluminista influenciou na formação do Estado Moderno e dos ideais democráticos. Na Alemanha, diferentemente disso, não havia uma burguesia consciente de seus interesses de classe, no que resultou a sua subordinação à nobreza feudal.¹⁶

Urbano Zilles, em sua *Filosofia da Religião*, afirma que “com a cruel ditadura revolucionária dos jacobinos (1792-93), começaram as restrições. Os alemães preferiam uma evolução ou “revolução do espírito” à revolução político-social.”¹⁷ Ao contrário dos franceses, que excluíram a religião, para os alemães, a religião exercia um papel importante.

Sobre esse cenário em que vivia a Alemanha comenta Feuerbach através da 1ª edição de *A Essência do Cristianismo* que atraiu para si “o desfavor de políticos que consideram a religião como meio mais político para a submissão e a opressão do homem”,¹⁸ e ainda “caracteriza o cristianismo de seus dias como ‘aparente’, ‘ilusório’ e ‘deturpado’”.¹⁹ É possível sentir nas palavras do filósofo o descontentamento e desencanto com a sociedade de sua época:

O tom das “altas sociedades”, o tom neutro e impassível das ilusões e falsidades convencionais é exatamente o tom dominante, o tom normal da época – o tom no qual devem ser tratadas e discutidas não somente as

<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3629698.pdf%E2%80%8E>. Acessado em: 18 de março. 2014, p. 159.

¹⁴ SHÜTZ, Rosalvo. *A Crítica da Religião de Feuerbach*, p. 20.

¹⁵ RODRIGUES, 2009, p. 159.

¹⁶ SARTÓRIO, 2001, p.19.

¹⁷ ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 61-62.

¹⁸ FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão, 2ª ed., Campinas: Papirus, 1997, p. 24-25.

¹⁹ RODRIGUES, 2009, p. 159.

questões propriamente políticas, o que se subtende, mas também as religiosas e científicas, i.é, o mal da época. *Aparência* é a essência da nossa época – *aparência* é a nossa política, *aparência* a nossa moral, *aparência* a nossa religião, *aparência* a nossa ciência. Quem diz a verdade atualmente é *impertinente*, “imoral” e quem é *imoral* é amoral. *Verdade* é para a nossa época Imoralidade.²⁰

Neste período em que notadamente Feuerbach assevera seu desconforto com a estrutura social alemã de sua época, a religião e, por extensão, a política, estavam embasadas no sistema de Hegel, especialmente em sua filosofia do espírito²¹. A filosofia hegeliana teve como fundamento sua inserção na formação do Estado e da sociedade, constituindo-se enquanto concepção do mundo e da vida.

Na opinião de Karl Löwith Hegel representou-se enquanto grande mentor de uma propositura de Estado: *A filosofia do direito de Hegel*, que apareceu simultaneamente com o primeiro curso sobre filosofia da religião, constituiu a execução concreta de uma tendência de princípio que fazia reconciliação da filosofia com a realidade política; como filosofia da religião, com a religião cristã. Em ambos os domínios, Hegel não somente se reconciliou com a realidade, como também “integrou-a ao conceito”. Desde o ponto de vista culminante de sua atividade, concebeu o mundo real como “adequado” ao mundo do espírito e, por outra parte, o Estado prussiano protestante se apropriou da filosofia na persona de Hegel.²²

Para Adriani Rodrigues²³ “embora, a princípio, Feuerbach fosse um hegeliano, seu distanciamento e oposição a Hegel foram se acentuando cada vez mais, até ele se tornar o mais destacado representante da esquerda-hegeliana,²⁴ antes de Marx”.²⁵

Após a morte de Hegel, a escola hegeliana dividiu-se em ala de direita, representada por Michelet, Göschel, Johann Eduard Erdmann, Gabler e Rosnkranz, que puseram-se a elaborar e evidenciar tendências conservadoras do sistema hegeliano. A ala de esquerda desenvolveu uma tendência crítica ao hegelianismo, a partir da interpretação histórica da religião. Fizeram parte desse grupo David Friedrich Strauss, Edgar e Bruno Bauer, Feuerbach e Ciszkowski, entre outros, cuja insatisfação os fez entrar em conflito social e político cada vez maior com a Restauração, levando alguns a aderir ao socialismo ou anarquismo, e outros ao liberalismo de feição pequeno-burguesa.²⁶

²⁰ FEUERBACH, *Ludwig*. *A Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão, 2ª ed., Campinas: Papirus, 1997, p. 24.

²¹ Ver a este respeito TAYLOR, C. *Hegel e a sociedade moderna*. 1ª edição. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

²² SARTÓRIO, Lúcia aparecida Valares, *apud* LÖWITH, Karl. *De Hegel a Nietzsche*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1968, p. 72.

²³ RODRIGUES, 2009, p. 159.

²⁴ O radicalismo alemão pré-revolução de 1848 foi principalmente evidenciado pela cisão da escola hegeliana (direita e esquerda), condicionada por motivos filosófico-religiosos primeiro e políticos depois.

²⁵ Feuerbach é normalmente visto como um intermediário entre o idealismo e o materialismo, uma ponte entre Hegel e Marx.

²⁶ SARTÓRIO, 2001, p. 21.

Como bem destacou Deyve Redson, “o ateísmo alemão do século XIX era resultado da crise do sistema hegeliano”.²⁷ Lúcia Aparecida Valadares vai mais adiante ao destacar que “o pensamento de Feuerbach não poderia estar isento dos reflexos dessa discussão e alheio à realidade alemã nas primeiras décadas do século XIX, marcada pela existência de diversos principados que se divergiam entre si”.²⁸ Não muito diferente de Kant, Fichte, Schiller e Hegel que construíram seus sistemas filosóficos e instauraram a reflexão sobre a história e tentaram apresentar alternativas sociais, Feuerbach também se encarrega de defender

a necessidade de uma filosofia do futuro - tanto nas *Teses Provisórias para uma Reforma da Filosofia* e *Necessidade de uma Reforma da Filosofia*, como em *Princípios da Filosofia do Futuro* - capaz de engendrar um novo pensamento e superar a opressão, tanto religiosa quanto monárquica, vivida pelos alemães.²⁹

1.2. O PENSAMENTO SOBRE A RELIGIÃO

Na tentativa de abrir caminhos que possibilitem uma melhor compreensão do pensamento de Feuerbach sobre a religião, faz-se necessário observar alguns elementos imprescindíveis a uma correta interpretação desse pensamento, a saber: seu método e reação a Hegel, bem como sua antropologia filosófica.

1.2.1. O Método Feuerbachiano

Conforme escreve Rubem Alves em apresentação da obra *A Essência do Cristianismo*, “Feuerbach denomina seu método de histórico-filosófico em oposição à mera análise histórica do cristianismo”,³⁰ sendo essa análise histórica, devida ao fato dos seus materiais básicos serem extraídos das expressões históricas da religião. Com isso, o conteúdo que a crítica histórica do cristianismo elimina por não considerar verdadeira, a crítica histórico-filosófica considera como revelação da essência humana. Pensa que o histórico é determinado pelo filosófico.³¹ Feuerbach, por exemplo, frente a um milagre, não questiona se ele o é de fato, mas sim,

²⁷ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, (série filosofia, 8), p. 85.

²⁸ SARTÓRIO, 2001, p. 21.

²⁹ SARTÓRIO, 2001, p. 21.

³⁰ FEUERBACH, 1997, p.11.

³¹ Ver também sobre o método histórico-filosófico o que afirma Draiton Gonzaga de Souza em sua obra *Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach*, p. 39-40.

interroga a respeito dos impulsos humanos que levariam à imaginação, já que considera o milagre como um poder da imaginação humana.

Em sua abordagem quanto ao método histórico-filosófico, Souza explicita seus pressupostos de que não pretende Feuerbach fazer uma investigação e uma crítica apenas histórica do cristianismo, uma simples coleta de dados históricos, bíblicos e dogmáticos, mas uma análise histórico-filosófica.³² Segundo Souza a intenção do autor de *A Essência do Cristianismo* é fazer uma leitura do cristianismo como religião, captar seu sentido e sua significação autêntica em sua totalidade. Ainda afirma “a respeito da objetividade do método pretendida por Feuerbach, consiste em deixar falar a religião mesma, ser seu ouvinte e tradutor”.³³ Uma das bases que reforça a essa forma de abordagem de Souza sobre o método feuerbachiano está no prefácio à primeira edição de *A Essência do Cristianismo*:

O método que o autor aqui segue é inteiramente objetivo – é o método da química analítica. Por isso são apresentados esparsamente, quando forem necessários e possíveis, documentos, ora logo abaixo do texto, ora num apêndice especial, a fim de legitimarem as conclusões alcançadas através da análise, i.é., demonstrá-las como objetivamente fundadas. Se se achar por isso que os resultados do seu método são chocantes, ilegítimos, que se seja justo de não atribuir a culpa a ele, mas sim ao objeto.³⁴

Na percepção de Zilles, a forma de abordagem crítica da religião adotada por Feuerbach nas obras *A essência do Cristianismo* (1981), *Princípios da filosofia do futuro* (1983), *A essência da Religião* (1985), e *Teogonia* (1987) aliada ao seu método de indagação, ou seja, pergunta como e onde surge a religião, suscita também o método chamado de genético-crítico.³⁵ Sobre tal método comenta Souza:

A origem de um objeto não lhe interessa independentemente de seu significado, pois neste está precisamente sua origem. Por isso, o método também de chama genético-crítico, no sentido de uma volta à origem, para captar o significado autêntico, que não se pode deduzir das ideias e conceitos atualmente dominantes, mas da origem real que provocou sua gênese.³⁶

Com base neste ponto de vista, como bem apresenta Souza, “pode-se dizer que a *Essência do Cristianismo* não se caracteriza por uma pretensão enciclopédica, mas por uma mera tentativa de análise da religião, tentando pôr sempre a descoberta às razões genéticas antropológicas das atuais crenças”.³⁷

³² Conferir em FEUERBACH, 1997, p.33.

³³ SOUZA, 1993, p. 40

³⁴ FEUERBACH, 1997, p. 19-20.

³⁵ ZILLES, 1991, p. 101.

³⁶ SOUZA, 1993, p.41.

³⁷ SOUZA, 1993, p.41.

Em sua *A Humanidade da Razão*, Serrão afirma que “graças ao método genético-crítico, torna-se acessível penetrar em domínios ocultos da essência interior do homem, analisá-los e trazê-los à luz”.³⁸ Deste modo, tal método apresenta-se para Feuerbach como uma fonte para o conhecimento da natureza humana, uma espécie de ferramenta essencial e necessária para o desvendamento festivo dos “tesouros escondidos do homem, a confissão dos seus pensamentos mais íntimos, a confissão pública de seus segredos de amor”.³⁹ Serrão ainda acrescenta que:

A busca de uma essência do fenômeno religioso mostra, como diversamente da perspectiva racionalizante, se trata de uma descida do filósofo ao fundo do homem religioso para descobrir e interpretar a fonte dessa força que se encontra nele e dele emana.⁴⁰

Feuerbach afirma que sua obra desenvolve uma nova filosofia, que é fiel ao homem e não a uma escola, a uma corrente. Adota como objeto principal a religião, em particular o cristianismo.

Considera a religião a essência imediata do ser humano, acreditando assim poder explicitar os "tesouros escondidos no homem". Reduz atributos divinos da teologia a atributos humanos da antropologia. Sua filosofia procura transformar a teologia de Hegel em uma antropologia baseada no mesmo princípio, a unidade do limite e do infinito.⁴¹

1.2.2. A Relação com Hegel

Compondo a esquerda hegeliana, Feuerbach defende a ideia de que para Hegel a religião não é razão, e sim representação, sendo então redutível ao mito. Essa mencionada esquerda hegeliana, em um primeiro momento, faz uso das ideias de Hegel dirigindo-as contra a teologia e a filosofia tradicional. Em uma segunda etapa, acaba por criticar as abstrações hegelianas em defesa do homem concreto, e a fé cristã em defesa de uma metafísica imanentista. Destacado participante desse grupo, Feuerbach distancia-se de Hegel, entre outras coisas, ao eleger o homem concreto como sua prioridade e não a ideia de humanidade. A ele interessa a natureza, a capacidade, a sensibilidade e a necessidade.

³⁸ SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999, p. 63.

³⁹ FEUERBACH, 1997, p. 7.

⁴⁰ SERRÃO, 1999, p. 63.

⁴¹ VIOLA, Rosane. *Comunicação Oral: A Dimensão do Divino em Ludwig Feuerbach*. Slideshare, 2013. Disponível em: <<http://www.pt.slideshare.net/RosaneViola/comunicacao-oral-feuerbach>> Acesso em: 13 nov. 2014.

Quando Hegel afirma que a consciência do homem sobre Deus é a autoconsciência de Deus, Feuerbach responde que o ser absoluto, o Deus do homem, é seu próprio ser:

Como o homem pensar, como intencionado, assim é o seu Deus: quanto valor tem o homem, tanto valor e não mais tem o seu Deus. A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Por seu Deus conheces o homem; e, vice-versa, pelo homem conheces o seu Deus. Ambas as coisas são idênticas.⁴²

Sobre tais afirmações de Feuerbach, comenta Zilles que “Feuerbach admite a unidade do infinito e do finito. Mas, ao contrário de Hegel, põe o infinito no homem e não no absoluto”.⁴³ Mas, o homem seria uma realidade concreta e não uma abstração ideal. “E o homem para Feuerbach, é “corpo consciente”, não puro pensamento”.⁴⁴

Contra Hegel, Feuerbach postula uma teoria materialista do conhecimento. “Diz que apesar de Hegel apelar à percepção sensível, sua filosofia não começa com a percepção sensível, mas com a ideia de percepção sensível”.⁴⁵ O que na opinião de Zilles seria afastar-se da primazia do ser e inverter relações e percepções.

Com isso, o secundário torna-se o primeiro, absolutizando-se a consciência em relação ao ser, subordinando o método dialético ao sistema; em vez de tomar a realidade (a natureza) como critério para a filosofia, esta torna-se o critério para a realidade.⁴⁶

Portanto, o que deseja realmente é postular “uma filosofia que possa satisfazer todas as exigências humanas e considerar o homem em sua realidade concreta material”.⁴⁷ É interessante notar, que a medida em que Hegel relacionou o progresso do universo à evolução da consciência e estabeleceu o primado da ideia e do pensamento, Feuerbach se propõe a alcançar o real. Para ele, a verdadeira realidade não é senão o objeto que os sentidos apreendem. Diz ele que só a sensibilidade é capaz de existir de modo abstrato no pensamento ou na fé. Realismo e materialismo são sinônimos perfeitos.

Feuerbach ousou contestar Hegel, cuja filosofia se havia tornado praticamente oficial, uma espécie de religião do estado. Combateu o indivíduo

⁴² FEUERBACH, 1997, p. 55.

⁴³ ZILLES, 1991, p. 104.

⁴⁴ ZILLES, 1991, p. 104.

⁴⁵ ZILLES, 1991, p. 104.

⁴⁶ ZILLES, 1991, p.104.

⁴⁷ ZILLES, 1991, p.104.

abstrato de Hegel e o substituiu por uma visão materialista e realista do homem no mundo.

1.2.3. A Antropologia Filosófica

O presente tópico visa uma apresentação sumária da antropologia e seu desdobramento na crítica da religião e da filosofia especulativa. Aqui, sem sombra de dúvidas, estamos diante de uma questão fundamental a ser considerada: O fato de que Feuerbach realiza uma interpretação antropológica da religião, ou melhor, uma redução antropológica. “Construiu sua antropologia no interior da crítica à religião e dela extraiu sua concepção de política, de gênero humano, a constituição da individualidade e sua relação com o mundo sensível”.⁴⁸

“Dentro da perspectiva humanista que Feuerbach constrói, ganha a cena a antropologia, neutralizando o império dos impulsos teológicos”⁴⁹, como bem nos afirmou Shutz:

Feuerbach soube trazer para o mundo sensível do dia-a-dia o fundamento humano de fatos e ideias que, antes, eram apenas explicados pela religião ou pelo idealismo abstrato. Propôs-se a mostrar, a partir da busca pelo fundamento antropológico da religião, que a história é o processo de humanização do homem e não teodicéia.⁵⁰

A antropologia feuerbachiana, na opinião de Sartório, vai sendo construída no “desvendamento da teologia, como um descortinar da essência humana. Por isso, coloca-se diante da filosofia especulativa e da teologia, afirmando que ambas não podem escapar do único entendimento possível do ser: o ser é ser, enquanto ser sensível”.⁵¹

Dessa forma, a antropologia feuerbachiana traz para o centro da filosofia o homem como ser sensível, possuidor de uma essência, para desfazer a construção teológica de humanidade, debruçando-se sobre a sensibilidade como base da existência humana, como elemento primordial para a tomada de consciência de si, das entidades – razão, vontade e amor – que compõem a essência.⁵²

⁴⁸ SARTÓRIO, 2001, p. 23.

⁴⁹ ESPÍNDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da Crítica da religião à defesa da dignidade humana*. Semina: ciências sociais e Humanas. Londrina, V 32, n. 1, p. 3-8, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revista/uel/index.php/seminasoc/article/viewfile/10464/11447>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

⁵⁰ SHÜTZ, Rosalvo apud ALVES, Wodson Vieira. *A Crítica Feuerbachiana da Religião: Um Contributo à Compreensão do Conceito de Alienação Religiosa*. Revista Eletrônica Espaço Teológico. Maio de 2010, p. 71-76.

⁵¹ SARTÓRIO, 2001, p. 47.

⁵² SARTÓRIO, 2001, p. 47.

1.2.4. Da Identidade de Sujeito (consciência) à Essência Humana

Souza, em sua obra *O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach*, articula a fundamentação antropológica da redução, destacando que “a argumentação que Feuerbach funda sobre suas considerações em torno da essência do homem, podem ser agrupadas em duas ideias fundamentais”.⁵³ A identidade de sujeito (consciência) e objeto, faculdade ou órgão e objeto bem como também o conceito de gênero e essência humana, em que se mostra a identidade do objeto da consciência e do objeto da religião.

Estas duas mencionadas ideias fundamentais sobre a essência do homem encontram seu fundamento logo no início do primeiro capítulo de *A Essência do Cristianismo*, quando afirma que “a religião se baseia na diferença essencial entre o homem e o animal”.⁵⁴ No entanto, diante de tal afirmação nos é necessário saber em que consiste a diferença entre o homem e o animal. A resposta mais simples, mais comum e também a mais popular a esta pergunta, revela Feuerbach, é a consciência.⁵⁵ Em Zilles vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

A diferença entre o homem e o animal consiste na consciência, na qual o homem tem por objeto de reflexão sua própria essência, sua própria espécie. Esta consciência pode converter em objeto outra realidade, outras coisas, de modo especial, seu próprio ser. Sinal disso é o pensamento, a linguagem e o amor humanos. Essa diferença entre o homem e o animal não só fundamenta a religião, mas também seu próprio objeto. Religião é o comportamento do homem perante seu próprio ser infinito. Nisso está sua verdade. Por outro lado, a falsidade da religião está em o homem tornar independente de si mesmo o seu próprio ser infinito, separando-o e opondo-o como diferente de si, produzindo a bipolaridade Deus e homem, alienando, assim, o último, ou seja, empobrecendo-o.⁵⁶

Souza chama a atenção ao fato de que tal consciência deve ser observada de duas maneiras:

Segundo Feuerbach, esta diferença essencial é a *consciência*, tomada no sentido rigoroso. Neste ponto, apresenta duas espécies de consciência, uma própria do ser humano, consciência em sentido rigoroso, e outra que está presente também nos animais, em sentido amplo.⁵⁷

⁵³ SOUZA, 1993, p.43.

⁵⁴ FEUERBACH, Ludwig. *Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão, 2ª ed., Campinas: Papirus, 1997, p. 43.

⁵⁵ Trata-se aqui da consciência do gênero ou da humanidade. Esta consciência da humanidade constitui-se “pela razão, pela vontade e pelo coração”. Logo, a consciência em sentido próprio, é sempre a consciência do infinito.

⁵⁶ ZILLES, 1991, p. 101.

⁵⁷ SOUZA, 1993, p. 44.

Portanto, “a consciência de gênero ou espécie. Enquanto o animal reconhece apenas a sua individualidade, o homem vive uma vida dupla: a interior (gênero) e a exterior (individualidade)”.⁵⁸ Com isso, o homem, “a partir de sua vida interior, isto é, sua consciência do gênero, é capaz de colocar-se no lugar do outro homem, e assim, também possui uma consciência do infinito”.⁵⁹ Daí, então, tem-se a religião como esta consciência do infinito. Sobre isso afirma Feuerbach:

A essência do homem, em contraste com a do animal, não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião. Mas a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência finita, não limitada, mas infinita. Um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos consciência, do que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência.⁶⁰

Feuerbach quer mostrar, em primeiro lugar, que a religião tem como pressuposto “a consciência em sua especificidade e que, portanto, a essência humana é o fundamento da religião”.⁶¹ Não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião⁶², “pois a consciência, como fundante da religião, leva em si o objeto, é a autoconsciência, consciência do gênero”.⁶³

A portuguesa Adriana Serrão em sua notável obra *A Humanidade da Razão: Ludwig Feuerbach e o Projecto de uma Antropologia Integral*, ao abordar sobre essência e consciência genérica, afirma que “a consciência é a estrutura humana mais fundamental. Consciência e essência distinguem somente como duas faces, a subjetiva e a objetiva, da vida em relação com o gênero, com a essência humana universal”.⁶⁴ Souza por sua vez, caminha um pouco mais adiante ao afirmar que “Feuerbach tenta mostrar, examinando as relações sujeito-objeto, consciência-essência”.⁶⁵ Vejamos o que diz o autor:

Por isso toma o homem consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo.

⁵⁸ RODRIGUES, Adriani Milli. *Religião, Teologia e antropologia: O Confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach*. Belo Horizonte, V. 7, n.14, 2009. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3629698.pdf%E2%80%8E>>. Acesso em: 18 de mar. 2014.p.160.

⁵⁹ RODRIGUES, 2009, p. 160.

⁶⁰ FEUERBACH, 1997, p. 44.

⁶¹ WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. *A Morte de Deus*. 2010. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexão/mortededeus.asp>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

⁶² FEUERBACH, 1997, p. 44.

⁶³ WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. *A Morte de Deus*. 2010. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexão/mortededeus.asp>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

⁶⁴ SERRÃO, 1999, p. 52.

⁶⁵ SOUZA, 1993, p.48.

Através do objeto conheces o homem; nele sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro, objetivo.⁶⁶

“A consciência possuída pelo sujeito da infinitude de Deus, só se cria na relação firmada por ele (sujeito) com um objeto”.⁶⁷ A respeito disso comenta Crisóstomo de Souza que “na religião, acha Feuerbach, o homem primeiro objetiva sua essência para depois fazer-se objeto dela, transformada em uma pessoa - Deus”.⁶⁸

1.2.5. Relação Sujeito e Predicado

Após terem sido vistas questões entre consciência e essência, a identidade entre sujeito e objeto, vale também acrescentar que dentro deste processo de fundamentação antropológica, Feuerbach também analisa as relações entre sujeito e predicado e, portanto, questiona como pode o homem saber que a fé em Deus não ocorre na medida que há uma limitação da imaginação humana, isto é, uma concepção puramente humana, uma fantasia ou criação do homem. Para tanto afirma:

Tu crês no amor como uma qualidade divina, porque tu amas; tu crês que Deus é um ser sábio e bom porque não conheces nada melhor em ti do que bondade e razão e tu crês que Deus existe, que ele é sujeito ou essência (o que existe é essência, seja designado e definido como substância, pessoa ou de qualquer outra forma) porque tu mesmo existes, porque tu mesmo és um ser.⁶⁹

Na perspectiva feuerbachiana o homem crê que Deus é Amor, bondade, misericórdia, sabedoria e todas outras demais qualidades humanas. O que são predicados atribuídos a Deus. O sujeito encontra-se no predicado, e, por sua vez, o predicado é a verdade do sujeito; o sujeito nada mais é do que o predicado que existe. O sujeito está para o predicado, assim como a existência está para a essência. Se eu nego os predicados, automaticamente nego o sujeito.

⁶⁶ FEUERBACH, 1997, p. 46.

⁶⁷ MONTEIRO, Fabrício Pinto Monteiro. O Materialismo no Debate Feuerbach, Stirner e Marx: Relevâncias para a História Social contemporânea? Revista de teoria da história ano 2, número 5, junho/2011. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/teoria/article/viewfile/28967/16138>. Acesso em: 22 abr. 2014. p. 203.

⁶⁸ SOUZA, José Crisóstomo. *A Metamorfose do Cristianismo em Ludwig Feuerbach*. In: Revista Ideação, Feira de Santana: UEFS, vol. I, n.º 1, 1997, p. 17.

⁶⁹ FEUERBACH, 1997, p. 60-61.

Na opinião de Crisóstomo de Souza “foi sempre a própria essência, constituída pelos melhores predicados humanos, que os homens perceberam e adoraram na religião”.⁷⁰ Pois, na verdade, continua Crisóstomo, “Deus é o homem; este é o legítimo proprietário dos predicados atribuídos àquele: o amor, a sabedoria, a justiça”⁷¹ e, dentre tantos outros vários. “Compreendido isso, cabe agora trazer a essência de volta ao próprio homem, tornado finalmente desalienado e autônomo”.

⁷² Em Souza, vamos encontrar o seguinte argumento:

Feuerbach, com o objetivo de demonstrar que a essência divina nada mais é que a humana, conserva os predicados da essência humana. Considerar Deus como sujeito é a ilusão fundamental da religião. Nega, pois, os predicados atribuídos a Deus, levando à própria negação do sujeito-Deus, visto que, na sua concepção, ‘a negação dos predicados é a negação do sujeito’.⁷³

O sujeito é determinado pelos predicados, sendo estes os determinantes. A relação é somente unilateral; em nenhum momento Feuerbach mostra que os predicados são afetados pela atribuição a um sujeito. Por isso, explicita Souza, “o conceito do sujeito depende totalmente das suas determinações”.⁷⁴ “O conceito de Deus depende, portanto, das determinações e qualidades que lhe aplicam, e não vice-versa, pois a necessidade do sujeito está apenas na necessidade do predicado”.⁷⁵

1.2.6. Amplitude Antropológica da Crítica a Religião

Segundo Feuerbach,

a filosofia precisa dar conta deste homem como um todo, e não somente da razão que o compõe. Deve abraçar a religião enquanto fatos humanos, considerando este homem em comunhão com outros homens, caminho este através do qual, ele pode se sentir livre e infinito.⁷⁶

Somente a religião dá conta do homem em sua totalidade. Essa desempenha um importante papel na vida do homem concreto, por isso afirma: "a

⁷⁰ SOUZA, 1997, p. 17.

⁷¹ SOUZA, 1997, p. 17.

⁷² SOUZA, 1997, p. 17.

⁷³ SOUZA, 1993, p. 55.

⁷⁴ SOUZA, 1993, p. 56.

⁷⁵ SOUZA, 1993, p. 56.

⁷⁶ MERUJE, Márcio. Amor e Sofrimento: Entre Ludwig Feuerbach e René Girard. Coleção: Covilhã: Artigos LusoSofia, 2010. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/meruje_marcio_feuerbach.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2014.

consciência que o homem tem de Deus é a consciência que o homem tem de si".⁷⁷ Acredita que para se conhecer um homem, basta conhecer seu Deus, já que na sua concepção a religião, o Deus do homem, nada mais é do que a projeção da intimidade da essência do homem.

Ainda para o autor, o método da teologia é a antropologia, pois o homem deposita em seu Deus o que lhe pertence.

Percebe a necessidade existente no homem da religião, uma vez que ela lhe serve como alívio frente às angústias, à dor e ao sofrimento da existência, que a natureza somente provoca e não alivia. O homem é dependente da natureza para existir. A natureza é sentida como necessidade, e é aí que surge a religião, opondo-se entre o querer e o poder, pensamento e o ser, etc. Diante da natureza o homem se sente limitado e finito. A religião por sua vez "teria a possibilidade da onipotência e da infinitude de Deus para oferecer ao homem. Os desejos do homem estariam assim representados, enquanto possibilidade na figura de Deus, que é a representação imaginária da realização de todos os desejos humanos, superando os limites que a natureza lhe impõe. Deus domina a natureza, pois para o homem, é Ele quem a cria."⁷⁸

Contradizendo este esquema de transcendência, Feuerbach desloca a divindade para uma compreensão imanente de Deus, entendendo-o como interno ao próprio homem. Ele é o Deus dele mesmo, "o ser absoluto, o Deus do homem é o próprio ser do homem".⁷⁹ Deus é, então, "a consciência de que o homem tem de si mesmo",⁸⁰ de seu ser. A exemplo disto, a perfeição divina nada mais é do que "o desejo do homem de ser perfeito e a consciência que tem de si, enquanto um ser imperfeito".⁸¹

Segundo Feuerbach o amor, a crença e o desejo são elementos que a religião atribui a Deus, "deveriam se voltar para o próprio homem e para seu igual".⁸²

Pensa que,

o homem deveria acreditar nele mesmo. No entanto, este filósofo aponta um erro na religião: a ilusão que ela cria. Ao mesmo tempo oferece um sentido de vida para o homem e uma forma de ele lidar com suas limitações, que

⁷⁷ FEUERBACH, 1997, p. 107.

⁷⁸ VIOLA, Rosane. *Comunicação Oral: A Dimensão do Divino em Ludwig Feuerbach*. Slideshare, 2013. Disponível em: <<http://www.pt.slideshare.net/RosaneViola/comunicacao-oral-feuerbach>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

⁷⁹ FEUERBACH, 1997, p. 308.

⁸⁰ ALVES, Wodson Vieira. *A Crítica Feuerbachiana da Religião: Um Contributo à Compreensão do Conceito de Alienação Religiosa*. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico. Maio de 2010, p. 71-76. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo>>. Acesso em: 15 maio. 2014. p. 71.

⁸¹ VIOLA, Rosane. *Comunicação Oral: A Dimensão do Divino em Ludwig Feuerbach*. Slideshare, 2013. Disponível em: <<http://www.pt.slideshare.net/RosaneViola/comunicacao-oral-feuerbach>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

⁸² VIOLA, Rosane. *Comunicação Oral: A Dimensão do Divino em Ludwig Feuerbach*. Slideshare, 2013. Disponível em: <<http://www.pt.slideshare.net/RosaneViola/comunicacao-oral-feuerbach>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

por sua vez acaba por distanciá-lo dele mesmo, exteriorizando a própria divindade.⁸³

Feuerbach ainda acaba por mostrar que “o homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo”.⁸⁴ Em seu pensamento, apresenta uma antropologia que busca unidade entre o eu, o tu e nós (comunidade), entre indivíduos e espécie, história universal e história individual, atribuindo ao amor o primado sobre o pensamento. Diz ele: “Deus pai é o Eu. Deus filho o Tu. Eu é razão, Tu é amor; só razão com amor e amor com razão é espírito, é o homem total”.⁸⁵

Ludwig Feuerbach dissolve toda religião, inclusive a cristã, na “hipostatização”⁸⁶ das necessidades do homem. Em sua *Essência do Cristianismo*, afirma que o fundamento da verdadeira filosofia não é colocar o finito no infinito, mas sim o infinito no finito, ou seja, a filosofia deve provar que o homem não é produto de Deus, mas sim Deus produto do homem: não foi a ideia quem criou o homem, mas, ao contrário, foi o homem quem criou a ideia. Feuerbach sustenta que o conceito de Deus como Pai nasce da exigência de segurança sentida pelos homens; a ideia de Deus feito carne exprime a excelência do amor pelos outros; a ideia de um Ser perfeito surge para representar ao homem aquilo que ele deveria ser, mas que, na realidade, nunca consegue se tornar.⁸⁷

Esta mencionada hipostatização, ressaltada no pensamento de Feuerbach, é descrita na ideia do homem projetar todas as suas qualidades positivas numa pessoa divina, e fazer dela uma realidade subsistente, frente à qual se sente esmagado como se fosse um nada ou, pelo menos, como um miserável pecador.

Em sua obra *Quem é Deus*, Mondin alerta para o fato de que se deve, porém, observar, para entender corretamente o pensamento de Feuerbach, que com esse desmantelamento dos conceitos religiosos tradicionais, ele não pretende suprimir a religião, que, aliás, considera necessária, pois tem a tarefa de lembrar aos homens os próprios ideais: este quer, na verdade, prevenir contra as ilusões causadas pela religião, em particular contra a ilusão de se conceber o Ser em que se hipostatizam os ideais do homem como outro alguém, como algo existente em si

⁸³ VIOLA, Rosane. *Comunicação Oral: A Dimensão do Divino em Ludwig Feuerbach*. Slideshare, 2013. Disponível em: <<http://www.pt.slideshare.net/RosaneViola/comunicacao-oral-feuerbach>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

⁸⁴ FEUERBACH, 1997, p. 68.

⁸⁵ FEUERBACH, 1997, p. 111.

⁸⁶ Aqui, por falta de terminologia adequada em Língua Portuguesa, o tradutor preferiu conservar o neologismo, em geral adaptando-o à índole de nosso idioma. (Nota do Revisor).

⁸⁷ MONDIN, 2003, p. 26

mesmo. Essa é, para Feuerbach, a grande fragilidade da religião, a causa dos seus erros e do fanatismo.

1.3. A CRÍTICA DA RELIGIÃO E O ATEÍSMO

Como já visto anteriormente em sua antropologia, Feuerbach realiza uma interpretação antropológica da religião. Como pura antropologia, a nova religião é ateia. Nega a Deus para afirmar o homem, só o homem. Para ele, o conhecimento que o homem tem de Deus é apenas o autoconhecimento do homem, de sua própria essência. A nova filosofia é a redução total da teologia e de toda a filosofia a antropologia, pois *“o ser absoluto, o Deus do homem, é a sua própria essência”*.⁸⁸

Feuerbach critica a religião por não dar a devida importância à vida presente, pondo toda esperança de libertação no céu. Por isso o homem religioso, segundo ele, não se compromete com a mudança e transformação, com a injustiça, o sofrimento e a miséria deste mundo. A religião, portanto, leva o homem a aceitar todas essas coisas resignadamente sem lutar contra elas, projetando sua felicidade no outro mundo:

Quando a vida celestial é uma verdade, é a vida terrena uma mentira, quando a fantasia é tudo, a realidade não é nada. Quem crê numa vida celestial eterna, para ele esta vida perde o seu valor. Ou antes, já perdeu o seu valor: a crença na vida celestial é exatamente a crença na nulidade e imprestabilidade desta vida.⁸⁹

Para Feuerbach a vida celestial não pode ser um objeto, uma lei da fé, sem ser ao mesmo tempo uma lei da moral. Segundo ele, esta vida celestial deve determinar os atos do próprio homem. Esta deve ficar em concordância com a fé, na medida em que não poderá o homem se prender às coisas transitórias deste mundo. Para ele a vida celestial, ou seja, “O céu nada mais é do que o conceito do que é verdadeiro, bom, válido, daquilo que deve ser; a terra nada mais é do que o conceito do que é falso, ilegítimo, daquilo que não deve ser”.⁹⁰

Não obstante, Feuerbach argumenta que o ateísmo é necessário para que as classes oprimidas possam lutar por sua libertação, pois “só o homem pobre tem um Deus rico”. O ateísmo é, então, o caminho necessário para o homem redescobrir sua dignidade, reconquistando sua essência perdida. Desse modo, conforme mostra

⁸⁸ FEUERBACH, 1997, p. 47.

⁸⁹ FEUERBACH, 1997, p. 202.

⁹⁰ FEUERBACH, 1997, p. 209.

urbano Zilles, “o ateísmo não é apenas negação, mas negação da negação que nega o homem”.⁹¹ O ateísmo, a seu ver, é o caminho para afirmar a verdadeira essência do homem, restituindo-lhe sua divindade. Ressalta que a importância de Feuerbach para o problema da crítica religiosa consiste em ter ele tornado o tema da religião central de seu pensamento, e ainda adverte que o mesmo critica o cristianismo por ter feito desaparecer o homem como humanidade, como comunidade universal, substituindo-a pelo conceito de Deus.

Também afirma Sartório sobre,

a inquietação que Feuerbach manifesta em seus textos, em verdade, é resultado da sua insatisfação com as questões morais e religiosas; não que estivesse completamente alheio aos problemas sociais do seu tempo, pois em certos momentos chega a arranhar a questão. Porém, o que realmente vê como problema é a cisão do homem consigo mesmo. Por isso diz que o próximo passo a ser dado pelo homem é a instauração de uma nova religião, para que possa reatar-se com seu coração e com os outros na política.⁹²

Na percepção de Sartório, “para Feuerbach, a religião só tem a sua importância enquanto ela é o fundamento da vida humana, fundamento da moral e da política, ainda que somente na fantasia”,⁹³ “porém, há muito tempo deixou de representar as necessidades humanas. Por isso, Feuerbach se coloca no campo da crítica à religião, com o intuito de esclarecê-la e também superá-la”.⁹⁴

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou, iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem.⁹⁵

Lúcia Aparecida Valadares assevera que para Feuerbach os poderes que estão acima do homem são “criações de sua própria afetividade servil e medrosa, assim como de sua razão ignorante e inculta”,⁹⁶ o que por sua vez “o levam a concretizar bárbaros sacrifícios em nome da religião.”⁹⁷

Assim, conforme nos tem apresentado Sartório, é perceptivo o fato de que

“Feuerbach chega à conclusão de que o homem não precisa mais de Deus, nem de proteção religiosa, nem de se apoiar em algo estranho a sua existência. O homem pode agora compreender-se e reconhecer-se parte da comunidade em que vive, pode desenvolver sua cultura livremente e

⁹¹ ZILLES, 1991, p.112.

⁹² SARTÓRIO, 2001, p. 56.

⁹³ SARTÓRIO, Lúcia Aparecida Valadares, *apud*, FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas: Papyrus, 1989, p. 28

⁹⁴ SARTÓRIO, 2001, p.55.

⁹⁵ SARTÓRIO, *apud*, FEUERBACH, 1989, p. 28.

⁹⁶ SARTÓRIO, *apud*, FEUERBACH, 1989, p. 28.

⁹⁷ SARTÓRIO, 2001, p.55.

libertar-se da monarquia. No momento em que o homem passa a guiar-se pela própria razão e natureza, a religião perde o seu sentido e a cultura passa a ser o coração do homem".⁹⁸

Sartório em sua abordagem sobre *A Antropologia de Feuerbach* utiliza-se da argumentação de que, porém, em um olhar atento sobre os escritos feuerbachianos, chega-se à conclusão de que

Feuerbach também tenta realizar uma crítica á seu tempo, apontando a religião como um dos sustentáculos da opressão. Traduz o significado da religião em sua positividade e negatividade quando diz, por exemplo, que na religião o homem pede e confia em Deus e não no homem.⁹⁹

Assim, compreende Sartório, que Feuerbach ao tecer sua crítica à religião, apresenta a base do seu pensamento no objeto empírico:

contra esta concepção e explicação da religião, os teólogos adutores e os fantasmas especulativos, que só contemplam as coisas e os homens sob o ponto de vista de seus conceitos e ideias forjadas (...) esses teólogos e fantasmas, digo, objetaram contra mim que eu, em oposição a esses senhores espirituais e especulativos, estou acostumado a primeiro me identificar com as coisas, a comunicar-me com elas e conhecê-las antes de julgá-las, fazendo de fenômenos particulares, isto é, subordinados e casuais, a essência da religião.¹⁰⁰

Feuerbach faz essas reflexões a fim de ilustrar como o homem é diminuído pela religião, sua humanidade é podada e reduzida, rouba do homem a dignidade. A religião escraviza de tal forma o homem, que ele deixa de ser verdadeiramente humano, pois nega sua essência, lança-a para o transcendente e a adora como se fosse outra essência. O autor pretende desvendar a consciência e a essência humana que foram exteriorizadas dogmaticamente pela religião.

⁹⁸ SARTÓRIO, 2001, p.61.

⁹⁹ SARTÓRIO, 2001, p.44.

¹⁰⁰ SARTÓRIO, Lúcia Aparecida Valadares, *apud*, FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas: Papirus, 1989, p. 59.

2. O CONCEITO DE RELIGIÃO EM FEUERBACH

Tratamos até aqui de apresentar um pouco sobre o autor e seu pensamento, bem como também uma breve passagem pelo contexto histórico e sociocultural no período de Feuerbach, o que por sua vez nos abriu caminhos para melhor entender o pensamento feuerbachiano sobre a religião, seu método e relação com Hegel e, é claro, sua antropologia filosófica, crítica da religião e ateísmo.

Deste modo, neste segundo princípio em que abordamos, buscou-se analisar o comportamento religioso para conceituar a religião na perspectiva feuerbachiana. Vimos alguns elementos que, na opinião do mesmo, se apresentam como geradores da religião, a saber: O sentimento de dependência, o sentimento de desejo e a *Autoconsciência-Projeção-Alienação*.

2.1. O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA COMO A BASE DA RELIGIÃO

Em sua obra *Preleções Sobre a Essência da Religião*, já de início à sua quarta preleção, Feuerbach assevera que o sentimento de dependência é a base da religião e, sobretudo, aponta a natureza como o primeiro objeto da religião.

O primeiro parágrafo de *A Essência da Religião* pode ser resumido da seguinte maneira: O sentimento de dependência é a base da religião, mas o objeto primitivo desse sentimento é a natureza, logo é a natureza o primeiro objeto da religião.¹⁰¹

De maneira análoga a Feuerbach, o teólogo e filósofo alemão Schleiermacher mudou o ponto de partida tradicional da teologia, que consistia em partir da revelação divina ao conhecimento de Deus, propondo a consciência como elemento de partida para se chegar ao conhecimento divino. O ponto de partida não mais é a palavra, mas o sentimento. Sentimento que, na concepção de Schleiermacher, parte essencialmente da natureza humana. A religião para Schleiermacher é,

uma relação do homem com a totalidade, é intuição e sentimento do infinito. A religião, assim, aspira a intuir o universo, tende a ver no homem em todas as outras coisas finitas, o infinito, a imagem, a marca, a expressão do infinito e, a ação do infinito sobre o homem é, portanto, a intuição, e a resposta do sujeito é o sentimento de total dependência do infinito.¹⁰²

¹⁰¹ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas: Papirus, 1989, p. 29.

¹⁰² WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. Friedrich Schleiermacher. 2012. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Schleiermacher. Acesso em: 18 nov. 2014.

Em sua abordagem sobre a essência da religião, Feuerbach utiliza-se da argumentação que fundamenta o sentimento de dependência como base da religião em duas partes essenciais: “a primeira explica a origem subjetiva ou fundamento da religião, a outra mostra o objeto primeiro ou primitivo da religião”.¹⁰³

Na sequência de sua análise, Feuerbach interpreta e contrapõe as vertentes religiosas cristãs e pagãs e, nos revela que as religiões naturais, diferente do cristianismo, possuem um aspecto positivo que mostra a dependência do homem para com a natureza.¹⁰⁴

Apesar de ter apontado tal dependência do homem para com a natureza, não se pode esperar uma formulação completa de sua concepção de natureza como um todo. Na opinião de Chagas, em Feuerbach, infelizmente, não se encontrará uma “filosofia da natureza explícita e acabada”,¹⁰⁵ bem como não se terá “nenhum escrito pormenorizado e sistematizado acerca da natureza, há, todavia, em sua obra, em diferentes passagens, uma abundância de aforismos, epigramas, *definitionen* e reflexões filosóficas sobre a natureza”.¹⁰⁶

Contudo, a ausência de uma sistematização, ou seja, de uma precisão ou de uma clara posição no que se refere ao conceito de natureza em Feuerbach, encontra-se fundamentado na pretensão principal de sua filosofia: a crítica ao teísmo (sobretudo ao Cristianismo) e ao idealismo (especialmente a filosofia de Hegel). Em sua opinião, ambos são “deficitários em relação à natureza, visto que eles não só abandonaram, mas, sobretudo, menosprezaram a consideração da natureza”.¹⁰⁷

Não obstante, Feuerbach também parece ter tido sua fase de abandono, por um determinado tempo, o tema da natureza. Para Gomes, “logo n’A *Essência da Religião* (1846) e nas *Preleções Sobre a Essência da Religião* (1849), Feuerbach

¹⁰³ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas: Papyrus, 1989, p. 29.

¹⁰⁴ Ver sobre isso em MELO, Regiany Gomes. *Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada*. In: Intuitio, portal de periódicos da PUCRS, Porto Alegre, Vol.4 – Nº. 2, novembro 2011, p.224-236. P. 226. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/9685>>. Acesso em: em 22 abril. 2014.

¹⁰⁵ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 37.

¹⁰⁶ CHAGAS, 2009, p. 37.

¹⁰⁷ CHAGAS, 2009, p. 38.

retoma o projeto religioso com o intuito de estabelecer o que antes ele havia ignorado *n'A Essência do Cristianismo*, a saber, a natureza".¹⁰⁸

Feuerbach evidencia que seu objetivo é mostrar o homem, ser sensível, como um ser exclusivamente existente na natureza e proveniente dela. Sendo assim, nas obras *A Essência da Religião* (1846) e nas *Preleções Sobre a Essência da Religião* (1849), traz uma reflexão inserida no contexto do horizonte psicológico dos sentimentos de dependência e explicita seus pressupostos de que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência e, portanto, a mola-mestra da religião, é o medo.

Ao considerarmos as religiões tanto dos chamados silvícolas sobre os quais nos instruem os viajantes, quanto dos povos cultivados, ao penetrarmos em nossa intimidade própria e direta, infalivelmente acessível à observação, não encontramos nenhuma outra explicação psicológica tão devida e completa quanto o sentimento ou a consciência de dependência. Os antigos ateus e mesmo muitos deístas tanto antigos quanto recentes declaram ser o medo, que nada mais é do que o aspecto mais popular e mais evidente do sentimento de dependência, a mola-mestra da religião. Muito conhecida é a expressão do poeta romano: *Primus in orbe Deos fecit Timor*, o medo foi o primeiro que criou deuses no mundo.¹⁰⁹

Apesar de ser o medo o aspecto mais popular e evidente do sentimento de dependência, também o aponta como insuficiente na explicação para a origem das religiões. Isso se dá no fato de que o sentimento de dependência é duradouro, enquanto, que o medo é uma emoção passageira. Sobre isso, explica Serrão:

A projeção sobre as forças e elementos naturais de capacidades e propriedades pessoais é a faceta correlativa da situação de dependência vivida pelos povos primitivos; sem a consciência da distinção do homem relativamente às forças e elementos naturais, e também sem o sentimento da dependência perante eles, nenhum culto do mundo natural teria surgido. Assim, para Feuerbach, o medo é insuficiente como explicação para origem das religiões, pois enquanto o sentimento de dependência é duradouro, o medo é uma emoção passageira; passando o medo, vem o alívio; desvanecida a angústia, fica a alegria; ao temor sucede-se a gratidão.¹¹⁰

O entendimento da religião a partir do princípio do medo é confirmado, sobretudo, pela experiência, uma vez que “todos ou a maioria dos povos rudes

¹⁰⁸ MELO, Regiany Gomes. *Homem e Sensibilidade em Ludwig Feuerbach: Crítica à Teologia Cristã e à Filosofia Especulativa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2012. Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas. Em <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6559/1/2012-DIS-RGMELO.pdf>> Acessado em 21 abril. 2014, p. 88.

¹⁰⁹ FEUERBACH, 1989, p. 30.

¹¹⁰ SERRÃO, 1999, p. 264.

fazem objeto de religião só ou principalmente os fenômenos aterrorizantes da natureza”.¹¹¹

Feuerbach, no entanto, articula a sua “explicação psicológica da religião não somente em seu aspecto vulgar (o medo), mas também em seu aspecto nobre (sentimento de alegria, amor e gratidão)”¹¹². Ainda argumenta Ludwig que, se não “quiser nem puder apresentar como única explicação da religião nem o medo, nem a alegria, nem amor, que outro nome encontrará que seja universal, que contenha ambos, a não ser o sentimento de dependência?”¹¹³

Neste aspecto, de acordo com Zilles, Feuerbach “funda a religião no sentimento de dependência da natureza, imprimindo-lhe, contudo, o homem sua própria imagem”.¹¹⁴ Deste modo, o divino, portanto, define-se como predicado da natureza e dos fenômenos naturais. De acordo com Zilles, o filósofo de *A Essência da Religião* “põe a natureza como fundamento da origem e forma da religião. Transforma seu humanismo em materialismo grosseiro e diviniza a matéria, da qual o homem é parte”¹¹⁵. Em sua *Filosofia da Religião*, Urbano Zilles ainda utiliza-se da argumentação de que

a natureza ou divindade manifesta-se sob dois aspectos: vivo por ela, porque me cria, me sustenta, e isto me faz feliz; mas também experimento os aspectos obscuros da natureza, que me submete a suas catástrofes. A verdadeira base da filosofia agora é a natureza. Por natureza Feuerbach entende a natureza sensível, real, tal como se manifesta de maneira imediata aos sentidos, a natureza pura, sem Deus. Por isso o Deus, que o homem separa de si mesmo, não é outra coisa que a própria natureza. Substitui o Deus da religião por natureza. Transforma, desta maneira, a teologia em fisiologia.¹¹⁶

Completa Zilles:

o fator subjetivo para esclarecer a religião é o sentimento de dependência e o fator objetivo é a natureza. Aquilo que depende a existência do homem parece-lhe Deus. Transformar a dependência sentida em liberdade é o sentido do sacrifício. O sentimento de dependência é a finalidade da Religião. Ou seja, a divindade da natureza é o fundamento da religião, mas a divindade do homem é a finalidade última de toda a religião.¹¹⁷

Os sentimentos de dependência representam, em síntese, a necessidade de que o homem sente dos elementos da natureza e de que nas religiões se desenvolvem, tendo em vista o sentimento do controle humano, ao menos indireto,

¹¹¹ FEUERBACH, 1989, p. 30.

¹¹² FEUERBACH, 1989, p. 34.

¹¹³ FEUERBACH, 1989, p. 34.

¹¹⁴ ZILLES, 1991, p. 111.

¹¹⁵ ZILLES, 1991, p. 111.

¹¹⁶ ZILLES, 1991, p. 111.

¹¹⁷ ZILLES, 1991, p.112.

sobre os entes naturais. Nesse aspecto, “há uma profunda análise no que tange à apropriação desses sentimentos que o homem desenvolve diante da magnanimidade da natureza, no relativo ao complexo empreendimento religioso em seu decorrer histórico”.¹¹⁸ Demonstra com isso, como a religião em sua origem se apropria da natureza e, ao mesmo tempo, busca mostrar uma concepção de natureza a partir da representação humana religiosa, contrapondo-a à visão verdadeira da natureza em si mesma.

2.1.1. Natureza-*tudo* versus Natureza-*nada*

Em a *Humanidade da Razão*, Serrão, em sua proposta de estudo sobre *Feuerbach e Sua Antropologia Integral*, chama a atenção ao fato de que a natureza-*tudo*, independente e onipotente converte-se em natureza-*nada*, simples criação e obra de Deus. Para Serrão “o sentimento de dependência foi inteiramente transmutado em sentimento de superioridade, mediunizado pela submissão da natureza ao egoísmo”.¹¹⁹ O homem, portanto, cria Deus para que este crie a natureza, mas de tal modo que crie em função dele próprio. Sobre ela passa a recair a alçada da sua autoridade, o braço da sua justiça. É basicamente nestes parâmetros de pensamento que Feuerbach leva a tese da projeção criadora até as últimas implicações, não sendo apenas a projeção de si no divino, mas a projeção sobre o mundo assumida como consequência de uma disposição caracteristicamente humana.

As religiões com o ideal criacionista apoderam-se das abstrações das representações naturais para subordinar a própria natureza em suas intervenções miraculosas, sobrenaturais, e assim, coagir o homem a crer na divindade; o que é arduamente combatido por Feuerbach ao longo da vida. As religiões ainda tentam, nesse processo, superar a dependência de que o homem tem da natureza, direcionando-a ao ser divino. Desse modo, como bem afirma Gomes,

o homem se torna submisso à divindade que em troca lhe dá a falsa ilusão de proteção, já que a opressão ocasionada pela natureza pode ser controlada por este ente que supostamente lhe deu origem. A natureza

¹¹⁸MELO, Regiany Gomes. *Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada*. In: Intuitio, portal de periódicos da PUCRS, Porto Alegre, Vol.4 – Nº. 2, novembro 2011, p.224-236. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/9685>>. Acesso em: 22 abril, 2014.

¹¹⁹ SERRÃO, 1999, p. 267.

passa a ser então compreendida como um mero objeto, um instrumento que deve suprir as necessidades imediatas humanas, mas que o homem tem, ao mesmo tempo, que superar para garantir os benfazejos da vida além-terreno.¹²⁰

Feuerbach ainda aponta que a religião cristã empreende uma falsa superação que se faz do poder que a natureza exerce sobre os homens. Contudo, é na realidade tudo isso uma negação do mundo natural como o verdadeiro, o original. O cristianismo vê o mundo como um núcleo de sofrimento e transitoriedade. Devemos, portanto, “retirar da natureza o que for necessário para usufruirmos os bens do mundo transitório cuja meta é uma além-vida sem corporeidade, sem materialidade, e, portanto, sem escassez, sem miséria, sem penúrias”.¹²¹

Com tal maneira de pensar e agir “o homem busca suprir suas necessidades no ser divino, mas exclusivamente busca suprir a necessidade de fluir a independência de ser da natureza”,¹²² o que por sua vez leva o indivíduo humano a procurar sempre nas religiões trazer os entes mais próximos possíveis de uma identificação humana, distanciando-se da natureza para poder exercer seu controle sobre ela. Não obstante, assevera que “o sentimento de dependência referente à natureza é certamente a causa da religião; todavia a superação de tal dependência, a liberdade referente à natureza é a finalidade da religião”.¹²³

2.1.2. A Natureza Desdivinizada

No intuito de se estabelecer as primeiras comunidades, os deuses da natureza próxima são lançados para o longínquo dos céus. Esse processo enfraquece a natureza desdivinizada e a considera como a base da subsistência, portanto apta ao domínio, podendo ser cultivada e considerada como a fonte geradora da qual retiramos proveitos necessários.

Com a formação de unidades sociais mais estáveis e o nascimento das cidades, atenua a insegurança face às forças naturais, “substituindo-se gradualmente a dependência direta da natureza pela dependência relativamente ao grupo social”.¹²⁴ Para Serrão, tal processo de transição de dependência “passa a

¹²⁰ GOMES, 2011, p. 227.

¹²¹ GOMES, 2011, p. 227.

¹²² GOMES, 2011, p. 227.

¹²³ FEUERBACH, 2008, p. 57.

¹²⁴ SERRÃO, 1999, p. 265.

funcionar como mediador e garantia da segurança dos membros do grupo, encontrando-se ele próprio enquanto grupo protegido por formas internas de organização social: poder e leis, códigos jurídicos e regulamentações morais.”¹²⁵

2.2. RELIGIÃO COMO *AUTOCONSCIÊNCIA-PROJEÇÃO-ALIENAÇÃO*

Temos caminhado rumo a uma possível compreensão sobre o conceito de religião em Feuerbach e, ao que parece, é que ainda estamos na praia a contemplar o enorme oceano a nossa frente. Após ter visto sobre o sentimento de dependência como a base da religião, somos levados pelo pensamento feuerbachiano a percorrer o caminho da sua crítica religiosa e conhecer mais a respeito da *Autoconsciência-Projeção-Alienação*.

No intuito de desvendar os segredos da essência humana, Feuerbach descobre o que poderíamos chamar de espelhamento do homem em Deus. Uma total equivalência entre as essências humanas e divinas. Nosso autor defenderá primeiramente a sua teoria da *autoprojeção* – um processo inconsciente de alheamento de si que explica a ilusão da consciência religiosa – para depois inverter esse raciocínio e reduzir/traduzir o conteúdo da religião para seu verdadeiro dono, o homem. Aquilo que é aparentemente divino, não passa de uma realidade humana.

Feuerbach afirma que “a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita”.¹²⁶ Muito embora, seja uma autoconsciência indireta, pois o ser humano religioso não apresenta a consciência de que a consciência de Deus é a consciência de sua essência.¹²⁷

Na opinião de Alves, “Feuerbach coloca-se desta forma, em radical oposição ao positivismo que identificava o real com os objetos oferecidos à contemplação, e que necessariamente reduz a imaginação a uma função alienante”.¹²⁸ Neste sentido,

¹²⁵ SERRÃO, 1999, p. 265.

¹²⁶ FEUERBACH, 1997, p. 44.

¹²⁷ “É nessa perspectiva que a concepção feuerbachiana entende que toda e qualquer representação de uma essência supra-humana, isto é, da infinitude representado como transcendência exterior, mais não é do que essa mesma infinitude imanente à consciência quando é deslocada para fora dela e colocada acima dela como e Deus fosse um objeto sensível exteriormente existente e colhido pela percepção.” HAHN, P. *Consciência e emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova harmonia, 2003, p. 112.

¹²⁸ ALVES, 1984, p. 62.

a alienação¹²⁹ humana, para Feuerbach, é caracterizada como um momento de projeção, pelo qual o homem cria uma realidade, que se torna estranha a ele, ou seja, a hipostatização. O homem religioso abre mão de sua humanidade, da essência genérica, atribuindo a Deus os tesouros de sua interioridade. Com a alienação, toda a sua riqueza passa a ser a de Deus, ou seja, toda a infinitude da essência é atribuída a Deus. Outra grave consequência gerada pelo problema da alienação humana é que o homem deixará de viver o natural, para se prender ao sobrenatural. Deixará de viver o hoje para viver a vida eterna. Com a dimensão religiosa ocorre uma despreocupação do aquém para uma preocupação com o além.

A esse respeito Rubem Alves diria que “se a religião é um espelho, Deus é a imagem que o homem, neste ato de transcender-se, projeta de si mesmo”.¹³⁰ Sendo assim, “o homem projeta, cria imagens que não correspondem aos fatos do mundo exterior. Ele projeta o que existe reprimido e latente em sua própria natureza, suas potencialidades não realizadas em sua experiência histórica”.¹³¹ Por isso, “a hermenêutica de Feuerbach, exige que todos os símbolos que parecem apontar para o além sejam traduzidos como projeções aqui”.¹³²

Em a *Essência do Cristianismo* Feurbach afirma ser a religião a “contemplação da essência do mundo e do homem idêntica à essência do homem. Mas o homem não está acima da sua contemplação essencial, mas é ela que está acima dele; ela o anima, determina e domina”.¹³³ Esse é o aspecto negativo da religião que aqui quer se caracterizar como sequestro, uma vez que ele é roubado de si mesmo. Neste processo o homem se relaciona com a essência humana como se fosse outro ser; ainda este ser aparece como superior ao próprio homem. Então, assim nasce com a alienação a compreensão de um homem, que se vê apenas tal qual indivíduo, pois atribui a Deus toda a infinitude do gênero. Sobre isso Feuerbach diz:

A religião é o relacionamento do homem com sua própria essência – aí está a sua verdade e redenção moral – mas com a sua própria essência não como sendo sua, mas de outro ser diverso dele, até mesmo oposto – aí está a sua inverdade, a sua limitação, a sua contradição com a razão e a moral,

¹²⁹ Sobre a alienação religiosa Urbano Zilles comenta que é para Feuerbach tomar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo. Ver em ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991, p.103.

¹³⁰ ALVES, 1984, p. 62.

¹³¹ WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. *A Morte de Deus*. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/reflexão/mortedededeus.asp>. Acesso em: 05 mar. 2014

¹³² ALVES, 1984, p. 63.

¹³³ FEUERBACH, 1997, p.62.

ai está a fonte desgraçada do fanatismo religioso, ai o princípio supremo, metafísico, dos sangrentos sacrifícios humanos; em síntese, ai está a base de todas as crueldades, de todas as cenas horripilantes na tragédia da história da religião.

Souza partilha da mesma ideia descrita acima, quando nos apresenta a religião “como usurpadora do humano, como destituidora daquilo que é e deve ser do homem, na medida em que este atribui a Deus características, atributos, que pertencem ao ser humano”.¹³⁴ Não obstante, continua Souza afirmando que “a religião manifesta-se como anti-humana”¹³⁵ e seu “processo de projeção tem como consequência a miséria humana”¹³⁶ e a ideia de Deus é “um indício claro da alienação do homem.”¹³⁷ Todas estas respectivas afirmações de Souza ganham sua força, embasamento e fundamentação no pensamento de Feuerbach, a saber:

Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades.¹³⁸

Todo esse processo argumentativo em torno da autoconsciência, alienação e projeção, representa, portanto, uma crítica ao poder da ilusão e da ideologia, uma vez que todo conteúdo humano que se realiza através da religião é aparente e ilusório, e anseia por uma nova consciência humana, uma vida mais real. Neste sentido, o que propõe Ludwig é que se destrua essa ilusão e, para isso, faz-se necessária à inversão do processo ideológico. No entanto, o mecanismo para tal inversão é a transformação da consciência e, para que isso se concretize, o homem terá que cruzar as “avenidas” das condições dominantes, sustentadas pelo discurso religioso. Daí a importância da filosofia para Feuerbach, que tem a tarefa de revelar ao ser humano a sua essência trazendo às claras a consciência de que está indireta no homem, a consciência de si. Não obstante, acredita retirar o homem de sua alienação e, em contra partida, lhe propor o ateísmo como caminho de superação e como forma verdadeira de vida, pois o homem é consciente de sua essência genérica.

¹³⁴ SOUZA, 1993, p.71.

¹³⁵ SOUZA, 1993, p.71.

¹³⁶ SOUZA, 1993, p.71.

¹³⁷ SOUZA, 1993, p.71.

¹³⁸ SOUZA, 1993, p.71.

3.3. O DESEJO COMO BASE DO FENÔMENO RELIGIOSO

Tratamos até aqui de apresentar um pouco sobre o sentimento de dependência e a *Autoconsciência-Projeção-Alienação*, como sendo para Feuerbach fontes geradoras capazes de permitir ao homem produzir religião. Neste momento, também tratamos de apresentar a ideia feuerbachiana de desejo como pressuposto do fenômeno religioso. Para tanto, discorreremos sobre a oração como encontro do homem com seus desejos, o amor como imperativo de realização do desejo, a fé como sendo a íntima essência do desejo, o milagre como manifestação da natureza do desejo e também do desejo imanente à transcendência.

3.3.1. O Ser Humano como Ser de Desejo

O psicanalista Lacan define o ser humano como um ser de desejo. Afirma que rezar é revelar que é possível ao homem desejar o impossível. O impossível de possuir, o impossível de reduzir-se a si mesmo. Esta também é a intenção de João, no livro do apocalipse, quando ele escreve que o homem de desejo recebe gratuitamente água da vida. Assim, o homem é um ser de desejo. Um ser a quem o ser falta. Que deseja ser. Que deseja o ser. Que deseja ser o ser. Spinoza dizia que o desejo de ser é a própria vida do homem.

Esta ideia do homem como um ser de desejo, já fora apresentado por Feuerbach em sua análise antropológica da religião, em que tentou fundamentar seu ateísmo psicologicamente. Afirmava que o homem não é realmente, mas deseja ser, converter-se em seu Deus, esse desejo é que vai se tornar o seu Deus. Diz ainda que se o homem não tivesse desejos, não haveria religião alguma. Em outras palavras, o homem crê em Deus, porque, deseja ser feliz. Segundo ele, os deuses são os desejos do homem, pensados como realidade objetiva. De semelhante forma, Alves, em uma leitura da sociedade na perspectiva da voz do desejo, afirma:

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo, as ofensas a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes. O aparato de repressão e censura será tanto mais forte

quanto mais intensa for à tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.¹³⁹

É justamente sobre este contexto da sociedade, que diria Feuerbach, que se encontra a essência do que somos. Somos o nosso desejo, desejo que não pode florescer.

No discurso de Feuerbach religiões são ilusões, realizações dos mais velhos, mais fortes e mais urgentes desejos da humanidade. Segundo ele, o Deus dessas religiões é o amor que satisfaz os nossos desejos:

Deus é o amor que satisfaz os nossos desejos, as nossas necessidades afetivas. Ele é o desejo realizado do coração, o desejo elevado à certeza da sua realização, à sua validade, à indubitável certeza diante da qual não mantém nenhuma contradição com a razão, nenhuma objeção da experiência, do mundo exterior... a expressão da certeza de que os desejos íntimos do coração humano têm validade e verdade incondicional, que não existe limitação, oposição para a afetividade humana, que o mundo inteiro com toda a sua majestade e imponência não é nada em relação à afetividade humana.¹⁴⁰

É interessante notar no discurso feuerbachiano, que o desejo é um conceito ambivalente e que não pode ser jogado pela janela como simples ilusão. Esses desejos surgem de condições reais da vida humana. São, portanto, fatos sociais, conforme apresentado por Rubem Alves.

Feuerbach parte de elementos inerentes à religião para apresentar a dimensão de desejo que se encontra na mesma. Para isso, faz alusão a oração, ao amor, a fé e aos milagres.

3.3.2. A oração como Encontro do Homem com seus Desejos

Segundo Feuerbach, a oração está extremamente ligada ao desejo humano. Seria um diálogo consigo mesmo, com o seu ser:

A oração é a cisão do homem em dois seres – um diálogo do homem consigo mesmo, com o seu coração”... Mas certamente não me refiro à oração antes e depois das refeições, à oração de engorda do egoísmo, mas sim à oração dolorosa, a oração do amor que arremessa o homem ao chão.¹⁴¹

Para ele, a oração é o encontro do coração humano consigo mesmo, com a sua própria essência. Na oração, o homem se esquece de que existe um limite para os seus desejos e sente-se feliz neste esquecimento. Por isso afirma:

¹³⁹ ALVES, 1999, p. 89.

¹⁴⁰ FEUERBACH, 1997, p. 162.

¹⁴¹ FEUERBACH, 1997, p. 164.

Todo desejo só é atingido quando colocado como meta e os meios correspondentes utilizados, um tal homem não reza; ele só trabalha; ele transforma os desejos alcançáveis em metas da atividade terrena; os considera apenas como subjetivos, ele oprime ou os considera apenas como subjetivos, piedosos. Em síntese, ele limita, condiciona a essência pelo mundo, como membro do qual se conhece e os seus desejos ele restringe pela ideia da necessidade. Na oração, ao contrário, o homem exclui de si o mundo e com ele todas as ideias de causalidade, dependência e da triste necessidade; ele transforma os seus desejos, os interesses do seu coração em objetos do ser independente, plenipotente e absoluto.¹⁴²

Ele mostra que o ato essencial da religião, no qual ela confirma o que denominamos como sua essência, é a oração. A oração é onipotente. O que o devoto anseia na oração, Deus realiza. Mas ele não pede só por coisas espirituais, ele pede também por coisas que estão fora dele, em poder da natureza, um poder que ele quer domar com a oração; na oração ele lança mão de um meio sobrenatural para atingir meios em si naturais.

Na oração o homem fala com Deus, como se fosse um Tu, externa seus desejos na confiança de que serão realizados. O homem se volta para Deus, pois tem a certeza de que ele o ouve. Sobre a questão, menciona o autor “o que é então a oração senão o desejo do coração expresso na confiança de sua realização”.¹⁴³

Deus quer a felicidade do homem e o homem quer ser feliz. A vontade de Deus é idêntica à vontade do homem. Pela oração o homem se volta à onipotência da bondade (que se sobrepõe à natureza) que faz realizar o mais íntimo desejo de afetividade. Isso significa que: “na oração o homem adora o seu próprio coração, ele contempla a essência de sua afetividade como o ser mais elevado, divino”.¹⁴⁴

3.3.3. O Amor como Imperativo de Realização do Desejo

Um outro elemento bastante presente na religião, o qual Feuerbach analisa ao estudar o fenômeno religioso, é o amor. A seu ver, esse amor é capaz de um poderoso imperativo, sem necessariamente precisar ser autoritário.

O amor não ordena; o amor só precisa fazer uma leve alusão aos desejos para ficar certo da realização dos mesmos; já o déspota deve colocar um poder no tom para fazer dos outros, para ele seres indiferentes em si, realizadores dos seus desejos.¹⁴⁵

¹⁴² FEUERBACH, 1997, p. 164.

¹⁴³ FEUERBACH, 1997, p. 163-164.

¹⁴⁴ FEUERBACH, 1997, p. 163-164.

¹⁴⁵ FEUERBACH, 1997, p. 163-164.

Aqui é necessário parar um pouco para ler, reler, meditar, usufruir não somente da densidade poética das palavras, mas, acima de tudo, analisar qual o sentido que Feuerbach denota sobre o amor. Para ele, “o amor nada mais é que a consciência do gênero dentro da diferença sexual”.¹⁴⁶ Ressalta que o amor do cristão para com Deus não é um amor abstrato ou geral, como o amor à verdade, à justiça, à ciência, mas sim, que é sem dúvida alguma, o amor ao Deus subjetivo e pessoal. Para o mesmo, Deus não é amor; o amor é que é Deus. “Daí o aforismo de Feuerbach: ***Homo homini deus est*** (o homem é o Deus do homem)”.¹⁴⁷

Um outro aspecto interessante do amor reside no fato do autor apontar a amizade como uma ponte para a virtude, como algo intimamente ligado a esse amor:

Mas como o amor, atua também a amizade, pelo menos quando é verdadeira e sincera, quando é religião, como o era entre os antigos. Os amigos se completam; a amizade é uma ponte para a virtude e ainda mais: ela própria é virtude, mas uma virtude comunitária.¹⁴⁸

Entretanto, o cristianismo é uma ilusão perniciosa, porque faz do amor algo vão e ilusório. Pois, segundo o mesmo, o amor cristão só ama o homem por amor de outro ser – Deus, que é a busca de seus mais íntimos desejos.

3.3.4. Fé é a Íntima Essência do Desejo

Feuerbach entende a fé como um estado do coração no qual se atribui tudo de bom a Deus. Sendo que esta fé não se restringe à concepção de um mundo, de um universo, de uma necessidade. Para a fé existe apenas Deus. O autor apresenta o desejo cristão como um fenômeno da mais íntima essência dessa fé:

A essência da fé que constata em todos os seus objetos, até no mais especial, é que é isto que o homem deseja – ele deseja ser imortal, logo, ele é imortal; ele deseja que exista um ser que pode tudo que seja impossível à natureza e à razão, logo, existe um tal ser; ele deseja que exista um mundo que corresponda aos desejos da afetividade, um mundo da subjetividade ilimitada.¹⁴⁹

Na perspectiva de Pascal deveria se falar em *aposta apaixonada*, já que a experiência de fé depende de um futuro que só pode ser contemplado no imaginário. Deus e o sentido da vida, como diz Alves, são ausências, signos de esperança. A

¹⁴⁶ FEUERBACH, 1997, p.197.

¹⁴⁷ ROSA, 2004, p.164.

¹⁴⁸ FEUERBACH, 1997, p.197.

¹⁴⁹ FEUERBACH, 1997, p. 197.

resposta da fé está no desejo e no comprometimento com Ele, de lançar-se sobre o abismo em direção de nossos sentimentos, da nossa afetividade, do sentido da vida, de Deus. Descartes reprovava, com certeza, esta afirmação; ele diria que não basta só apostar. Com isso, entende-se Deus como uma necessidade que está no sonho, na linguagem, na vida. Quando se deixa de acreditar nestas instâncias, Deus desaparece. Destas imagens a fé recolhe ícones do ser mais perfeito, construído em horizontes de esperança no qual, seres humanos, depositam seus desejos, suas utopias de um mundo melhor, mais justo, onde o presente é magia e milagre transformador da realidade alienante e sem sentido. Unem-se assim o amor, o desejo, o imaginário, o simbólico e os signos que o ser humano cria para fazer sentido. Realizações concretas dos objetos de desejo ou, como diria Hegel, a *objetivação do espírito*.

Nesta abordagem feuerbachiana sobre fé, ainda se encontra um fato interessante, para o qual reserva um olhar especial:

A fé só se relaciona com coisas que objetivam a onipotência da afetividade humana, dos desejos humanos em contradição com as limitações, i.é., as leis da natureza e da razão. A fé desata os desejos humanos dos grilhões da razão natural; ele permite o que a natureza e a razão negam; ela torna o homem feliz porque tranqüiliza os seus desejos mais subjetivos. E nenhuma dúvida abala a verdadeira fé... Mas na fé já desaparece o princípio da dúvida, porque para a fé já é exatamente o subjetivo em e por si considerado como o objetivo, o próprio absoluto. A fé nada mais é que a crença na divindade do homem.¹⁵⁰

Paul Tillich, em sua obra *Dinâmica da Fé*, propõe-se a discutir o fenômeno da fé e, sobretudo, aponta o elemento da dúvida como algo imprescindível à mesma. No entanto, Feuerbach mostra-se alheio a esta realidade em que envolve a fé e afirma que “na fé já desapareceu o princípio da dúvida”. Todavia, Tillich utiliza-se da argumentação de que

a dúvida que faz parte inseparável da fé não é uma dúvida em torno de fatos ou certas consequência lógicas... A dúvida que está contida em todo ato de fé não é nem a dúvida metódica nem a cética. Ela é a dúvida que acompanha todo risco... Da mesma maneira a dúvida não se impõe em todo ato de fé; mas ela sempre está presente como um traço fundamental na estrutura da fé.¹⁵¹

De acordo com Feuerbach “a religião é a contemplação da essência do mundo e do homem idêntica à essência do homem”.¹⁵² Portanto, o homem não está acima da sua contemplação essencial, mas é ela (a religião) que está acima dele;

¹⁵⁰ FEUERBACH, 1997, p. 167-168.

¹⁵¹ TILLICH: 2001, p. 17-18.

¹⁵² FEUERBACH, 1997, p. 62.

ela o anima, determina e domina. A necessidade de uma prova, de uma reconciliação da essência ou da qualidade com a existência, a possibilidade de uma dúvida desaparece com isso. Assim, acaba por Interrogar. “Como poderia eu duvidar do Deus que é a minha essência?”:

Duvidar do meu Deus significa duvidar de mim mesmo. Somente quando Deus é pensado abstratamente, quando seus predicados são oferecidos pela abstração filosófica, só então surge a distinção ou separação entre sujeito e predicado, existência e essência – surge a ilusão de que a existência ou o sujeito é alguma outra coisa que não o predicado, algo imediato, indubitável em oposição ao predicado dubitável. Mas é apenas ilusão.¹⁵³

Para Feuerbach, o elemento da dúvida é algo inexistente na experiência da fé, pois a fé é o poder da imaginação provocada pelo desejo, sendo assim, transforma o real no irreal, o irreal no real, a contradição direta com a verdade dos sentidos e com a verdade da razão.

3.3.5. Milagre é Manifestação da Natureza do Desejo

O milagre, conforme estabelece Feuerbach, “é um objeto essencial do cristianismo, um conteúdo essencial da fé”,¹⁵⁴ que por sua vez manifesta a natureza do desejo. Para ele, a força milagrosa divina manifesta, mostra-nos, somente a força dos desejos humanos. Ainda ressalta que se observarmos os milagres, iremos constatar que neles nada mais está objetivado, manifestado, realizado, a não ser a essência do desejo. Assevera que milagre deve ser a prova concreta de que o milagroso é um ser onipotente, sobrenatural, divino. Também chama a atenção de que não é o milagre que se deve admirar, mas a causa, o ser que realiza esse milagre e que pode realizar semelhantes se a necessidade do homem existir. No intuito de tornar mais claro seu pensar sobre o milagre religioso, Feuerbach o exemplifica:

A atividade milagrosa é uma atividade finalística. O anseio pelo Lázaro perdido, o desejo dos seus parentes de o possuírem de novo, foi o motivo da ressurreição milagrosa – o fato em si é a satisfação deste desejo, a finalidade. Certamente aconteceu o milagre “para a glória de Deus, para que com isso seja glorificado o filho de Deus”, mas as irmãs de Lázaro que mandam buscar o senhor com as palavras: “Eis que aquele que amas está doente” e as lágrimas que Jesus derramou, reivindicam para o milagre uma origem e uma finalidade humana. O sentido é: para o poder que pode até

¹⁵³ FEUERBACH, 1997, p. 62.

¹⁵⁴ FEUERBACH, 1997, p.169.

mesmo ressuscitar mortos, nenhum desejo humano é irrealizável. E a honra do filho consiste precisamente no fato de ser ele reconhecido e adorado como o ser que pode o que o homem não pode, mas deseja poder.¹⁵⁵

Através de elementos extraídos da própria religião, o autor exemplifica seu discurso sobre o mistério do milagre, atentando para o fato destes se distinguirem do modo natural e racional de satisfazer desejos e necessidades humanas, exatamente por satisfazê-los da maneira correspondente à essência do desejo, da maneira mais desejável:

Para o desejo humano nada é impossível, nada é inatingível. Cristo ressuscitou os mortos, assim como Lázaro “que fazia quatro dias jazia no túmulo”. Mas nós, diariamente, ressuscitamos mortos queridos em nossos desejos, em nossa família. Mas em nós a coisa só fica no desejo, na fantasia. Mas um Deus pode tudo o que o homem deseja, isto é, a imaginação religiosa realiza os desejos do homem em seus deuses. Por isso a crença em Deus é idêntica à crença em milagres; milagres e Deus se distinguem somente enquanto ação e agente. Os milagres são as provas de que o ser que realiza é um ser onipotente, isto é, um ser que pode realizar todos os desejos do homem e que exatamente por isso designado e adorado pelos homens como um ser divino. Um Deus que não faz milagres, portanto, que não realiza mais desejos, que não ouve mais preces, excetuando-se aquelas cuja a realização já é fundada no curso natural, já é naturalmente possível, que portanto mesmo sem ele, sem oração se realizariam, um tal Deus é um Deus imprestável, inútil.¹⁵⁶

No calor de sua discussão sobre milagre, Feuerbach ainda chama a atenção para o conceito da maravilha (do milagre), que por sua vez mostra ser um dos mais importantes para se conhecer a essência da religião, em especial a cristã. Sendo, no entanto, que essa maravilha religiosa não tem sua base na natureza exterior, e sim, no homem.

Em sua concepção, tais maravilhas religiosas acontecem na dificuldade, só acontecem no momento em que o homem quer ser libertado de um mal do qual pode ser libertado, enquanto tudo se processar naturalmente. Por isso, em *A Essência do Cristianismo* define o milagre como um desejo sobrenatural realizado, ou então, concebido como realizado. Para Feuerbach, não é difícil distinguir os fenômenos naturais e sobrenaturais do milagre, pois os mesmos manifestam características divergentes:

Mas os milagres se distinguem dos fenômenos naturais de uma maneira tão evidente e inconfundível, que se pode afirmar sem hesitar que eles não se podem originar da conexão das coisas e das causas naturais, porque precisamente os desejos e as ficções do homem que nos apresentam os milagres como fatos reais estão fora e acima da conexão das coisas, fora e acima da necessidade da natureza, assim como o desejo que tem o cego

¹⁵⁵ FEUERBACH, 1997, p. 171.

¹⁵⁶ FEUERBACH, 1989, p. 199.

incurável de enxergar está fora de qualquer coerência direta com as condições e leis naturais da realizabilidade desse desejo; por isso a definição dos antigos teólogos de que o milagre não está somente acima mas também contra a ordem natural, contra a essência da natureza, é totalmente correta; porque ele nos manifesta a natureza do desejo.¹⁵⁷

Em síntese, o poder do milagre, portanto, nada mais é que o poder da imaginação, pois a imaginação é a única faculdade que corresponde aos sentimentos pessoais, colocando de lado todos os limites, todas as leis que são dolorosas para o sentimento, e assim torna objetiva, para o homem, a satisfação imediata, absoluta e ilimitada de todos os seus desejos subjetivos.

3.3.6. Do Desejo Imanente à Transcendência do Desejo

Conforme aponta Feuerbach, “Deus é o céu espiritual, o céu é o Deus sensorial; que é pensado em Deus o que é posto no céu como um objeto da fantasia. Deus é somente o céu não desenvolvido, o céu real é o Deus desenvolvido.¹⁵⁸ Com isso, está demonstrando que Deus é o céu, que ambos são a mesma coisa. Para ele, “como o homem imagina o seu céu, assim imagina seu Deus”.¹⁵⁹

Ressalta que o céu é, portanto, a chave para os mais íntimos segredos da religião, é o correspondente aos desejos humanos:

Deus é a existência correspondente aos meus desejos e sentimentos: ele é o justo, o bom, aquele que realiza os meus desejos. A natureza, este mundo é uma existência que contradiz os meus desejos, os meus sentimentos. Aqui a coisa não é como deve ser – este mundo – mas Deus é o ser que é como deve ser. Deus realiza os meus desejos – esta é apenas uma personificação popular do princípio: Deus é o realizador, i.é., a realidade, o ser-realizado dos meus desejos. Mas o céu é exatamente o ser correspondente aos meus desejos, ao meu anseio, portanto, nenhuma diferença entre e céu.¹⁶⁰

Na concepção feuerbachiana, o céu cristão e a vida celestial seriam o seu desejo humano de alcançar o que é perfeito, verdadeiro. O homem apresenta no além apenas a realidade de uma ideia conhecida, a satisfação de um anseio consciente, a realização de um desejo. Seria a supressão das limitações que aqui se opõem à realidade.

¹⁵⁷ FEUERBACH, 1980, p. 206.

¹⁵⁸ FEUERBACH, 1997, p. 213.

¹⁵⁹ FEUERBACH, 1997, p. 216.

¹⁶⁰ FEUERBACH, 1997, p. 214-215.

O além é aqui somente uma imagem, mas não a imagem de uma coisa distante, desconhecida, e sim um retrato da essência que o homem prefere e ama acima de todas as outras. Tudo que o homem ama é a sua alma.¹⁶¹

Para ele, o conteúdo do além é a felicidade, a eterna felicidade que o homem tanto deseja. Nietzsche criticou as pessoas que buscam a felicidade, dizendo que elas não ousam olhar a verdade de frente. Não ousam olhar o absurdo e a mortalidade. Para um filósofo como Kant, um homem livre é feliz e não se preocupa em sê-lo.

¹⁶¹ FEUERBACH, 1997, p. 219.

3. DESDOBRAMENTOS DA CRÍTICA DA RELIGIÃO EM FEUERBACH

Após ter percorrido sobre o conceito de religião em Feuerbach, eleva-se também a importância de considerar as principais reações à crítica feuerbachiana da religião, sua influência em pensadores de grande expressão no meio acadêmico como também a contemporaneidade de seu pensamento.

3.1. PRINCIPAIS REAÇÕES À CRÍTICA E CONCEITO DA RELIGIÃO EM FEUERBACH

3.1.1 Marx e Engels

A obra *A Essência do Cristianismo*, primeira edição em (1841), proporcionou a Feuerbach o título de grande celebridade entre os círculos intelectuais germânicos, mas também várias críticas a respeito de seu caráter especulativo. Entre seus críticos destacam-se Marx e Engels, bem como também Max Stirner e Bruno Bauer. Um dos elementos de sua obra que chamou a atenção da geração mais jovem foi sua declarada contestação a Hegel, através de uma metodologia materialista de pensamento.

Marx e Engels em publicação *A Sagrada Família* em fevereiro de 1845, obra que fora dirigida contra o que chamaram “idealismo especulativo”,¹⁶² além de se dirigir especialmente como uma crítica aos que se apresentavam como expoentes de tal idealismo como a Bruno Bauer e Franz Zychlin von Zychlinski, tratado por seu pseudônimo “Szeliga”, também acaba por citar Feuerbach. No entanto, ao que parece ser a crítica ao teólogo d’*A Essência do Cristianismo* menos incisiva que aos demais outros. Vejamos então:

Feuerbach, conforme se sabe, concebe as ideias cristãs da encarnação, da santíssima trindade, da imortalidade etc. como o mistério da encarnação, o mistério da santíssima trindade, o mistério da imortalidade. O senhor Szeliga concebe todos os estados atuais do mundo [crimes, desigualdades] como mistérios. Contudo, se Feuerbach logrou desvendar verdadeiros mistérios, o senhor Szeliga fez apenas transformar trivialidades em

¹⁶² O idealismo especulativo também era conhecido como a doutrina “que, no lugar do ser humano individual e verdadeiro, coloca a ‘autoconsciência’ ou ‘espírito’ e ensina, conforme o evangelista: ‘O espírito é quem vivifica, a carne não presta’.” (MARX, ENGELS, 2003, p.15)

mistérios. Sua arte não consiste em desvendar o oculto, mas em ocultar aquilo que já se encontra desvendado.¹⁶³

Inicialmente n'A *sagrada Família* Marx e Engels consideram um avanço positivo de Feuerbach frente às propostas da filosofia de Hegel. Entretanto, não demorou muito para que em sua segunda obra (1845-1846), Marx e Engels, somando-se a Max Stirner e mais uma vez a Bruno Bauer, comesçassem a contestar diretamente suas ideias e crítica à religião.

Mesmo n'A *Ideologia Alemã* ainda poderiam ser vistos elogios de Marx e Engels como uma “grande vantagem” de Feuerbach, inclusive frente ao empirismo, a consideração de que o próprio homem é um “objeto sensível”. Contudo, os elogios não duraram muito tempo. Marx e Engels, em junho 1846, rascunharam uma crítica dirigida a Feuerbach e aos “jovens hegelianos” subsequentes, recusando a eficácia de suas pretensões na “superação” de Hegel:

Suas polêmicas contra Hegel e entre si limitam-se ao fato de que cada um deles isola um aspecto do sistema hegeliano e volta esse aspecto tanto contra o sistema inteiro quanto contra aspectos isolados pelos outros. De início, tomavam-se categorias hegelianas puras e não falseadas, tais como as de substância e autoconsciência, mais tarde, profanaram-se essas categorias com nomes mais mundanos, como os de Gênero, o Único, o Homem etc.¹⁶⁴

Em Marx e Engels é possível encontrar não somente uma crítica a Feuerbach no que se refere a não “superação” de Hegel, mas, sobretudo, para eles, por desconhecer o caráter ativo dos objetos naturais, mediados pela prática do homem. “Feuerbach caiu numa concepção especulativa sobre naturalidade do homem, desligada da política e da história, do desenvolvimento de si próprio a partir de suas condições reais de existência”.¹⁶⁵ Marx e Engels utilizam-se da argumentação de que,

Se, por vezes, em Feuerbach, se encontram tais ideias, a verdade é que estas nunca vão além de conjecturas isoladas e com pouca influência no seu modo geral de ver para que aqui possam ser consideradas algo mais do que embriões capazes de se desenvolverem. Para Feuerbach, a “concepção” do mundo sensível limita-se, à mera contemplação deste, e, por outro lado, ao simples sentimento. Refere-se ao “Homem”, em vez de aos “homens históricos reais”. O “Homem” é, na realidade, o “Alemão”.¹⁶⁶

¹⁶³ MARX, ENGELS, 2003, p. 70.

¹⁶⁴ MARX, ENGELS, 2007 [1846], p. 83.

¹⁶⁵ FERREIRA, Pedro P.. Karl Marx. 2010. Disponível em:<HTTP://

pedropeixotoferreira,wordoress.com/2010/03/05/Karl-mar/x> Acesso em: 10 out. 2014.

¹⁶⁶ MARX, Karl, 1818-1883. A Ideologia Alemã, 1º capítulo: seguido das Teses sobre Feuerbach\ Karl Marx, Friederich Engels. Tradução Silvio Donizete Chagas. São Paulo, Centauro, 2002. p.31.

Não obstante a argumentação crítica descrita pelos autores d'A *Ideologia Alemã* ao homem feuerbachiano, os mesmos ainda afirmam que “enquanto materialista, para Feuerbach, a história não conta; e quando aceita a história, não é materialista. Para ele, a história e materialismo divergem completamente”¹⁶⁷. De acordo com Marx,

Feuerbach tem, no entanto, sobre os materialistas “puros” a grande vantagem de compreender que também o homem é “objeto sensível”, mas à parte o fato de entender o homem apenas como “objeto sensível” e não como “atividade sensível”, pois neste ponto se mantém na teoria, e não integra os homens no seu contexto social, nas suas condições de vida que fizeram deles aquilo que são.¹⁶⁸

Portanto, observamos que basicamente a reação crítica de Marx a Feuerbach se dá, em parte, ao fato de que o mesmo “nunca fala do mundo dos homens, refugia-se sempre na natureza exterior, na natureza que ainda não foi dominada pelos homens”.¹⁶⁹ Marx vai mais adiante ainda em sua crítica ao pensamento do autor quando afirma que a “cada nova invenção, cada avanço da indústria, derruba um pouco a argumentação e diminui o campo onde nascem os exemplos que permitem verificar as afirmações deste gênero”.¹⁷⁰ Segundo Marx, faltou para Feuerbach, a atitude revolucionária da *práxis*. A superação da alienação não se realiza só no pensamento, mas deve realizar-se na vida prática da sociedade. A esse respeito nos informa Zilles:

Marx critica Feuerbach pela carência da dimensão social do homem que, na realidade, é “o conjunto das relações sociais” (6ª tese), por ter ignorado a origem social do fenômeno religioso. Feuerbach, segundo Marx, concebe o homem como espécie, mas apenas reflete sobre as relações naturais e negligencia o contexto social, o processo da autogênese do homem. Marx faz a análise político-econômica concreta das condições materiais sociais, do papel do trabalho, da produção, do surgimento das relações de produção e das relações sociais em geral que provocam o aparecimento da alienação religiosa.¹⁷¹

Os desdobramentos deste raciocínio dão-se na medida em que “Marx analisa a emancipação humana como questão social do ponto de vista econômico, político e ideológico, não como problema do indivíduo”¹⁷² apenas, como Feuerbach que teria isolado o indivíduo de maneira abstrata da história, sobretudo da comunidade.

¹⁶⁷ MARX, 2002, p. 34.

¹⁶⁸ MARX, 2002, p. 34-35.

¹⁶⁹ MARX, 2002, p. 60.

¹⁷⁰ MARX, 2002, p. 60.

¹⁷¹ ZILLES, 1991, p.126-127.

¹⁷² ZILLES, 1991, p. 126.

3.1.2. Max Stirner

Outro crítico de Feuerbach que merece aqui uma atenção especial é Max Stirner, ou melhor, Johann Caspar Schmidt, seu verdadeiro nome. Frequentador do círculo dos “jovens hegelianos” de Berlim, redigiu seus primeiros escritos entre 1839 e 1844, mesmo período em que atuava como professor de literatura em uma instituição particular de ensino para moças. A publicação de seu livro *O único e sua Propriedade* foi de grande polêmica e, portanto, resultando assim, em sua demissão e início de um período de dificuldades financeiras, que se estenderiam até o fim de sua vida.

Submetido ao crivo da censura do estado prussiano, a publicação do livro foi inicialmente proibida e, após pedido de liberação feito pelo autor em outubro de 1844, o livro é liberado uma semana depois pelo ministro Von Faltenstein, por ser considerado “demasiado absurdo para ser perigoso”.

N’*O único e sua propriedade*, Ludwig Feuerbach e sua obra *A Essência do Cristianismo* ganham a atenção de Max Stirner e, portanto, recebem as críticas mais diretas. Na opinião de Monteiro, a principal crítica de Stirner “envolve as limitações dos esforços de Feuerbach em trazer para o mundo dos homens a responsabilidade pela criação do que chamou “divino” ao revelar Deus como uma projeção da essência humana”.¹⁷³ Afirma Stirner:

Não se reparou que o homem tinha matado Deus para se tornar o único Deus nas alturas. O além fora de nós, aliás foi varrido, e com isso consumou-se a grande tarefa das Luzes. Mas o além em nós tornou-se um novo céu e apela para nós no sentido de novo assalto aos céus: o deus teve de dar lugar, não a nós, mas ao homem. Como podeis vós crer que o homem-deus morreu, se não morreu ainda, para além do deus, também o homem?¹⁷⁴

O posicionamento de Max Stirner ante “as relações da subjetivação e da finitude, ou da nulidade individual é construído em oposição a Feuerbach, sendo essa divergência uma das bases da crítica contida n’*O Único e sua propriedade*”.¹⁷⁵

¹⁷³ MONTEIRO, Fabrício Pinto. *O Materialismo no Debate Feuerbach, Stirner e Marx: Relevâncias para a História Social Contemporânea?* In: Revista de Teoria da História, ano 2, número 5, Goiás, junho/2011. Disponível em http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original-Artigo_9_MONTEIRO.pdf?1325210624. Acessado em maio. 2014, p. 208.

¹⁷⁴ STIRNER, Max, *O Único e sua Propriedade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009, p. 199.

¹⁷⁵ MONTEIRO, Fabrício Pinto. *O Materialismo no Debate Feuerbach, Stirner e Marx: Relevâncias para a História Social Contemporânea?* In: Revista de Teoria da História, ano 2, número 5, Goiás, junho/2011. Disponível em: http://revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original-Artigo_9_MONTEIRO.pdf?1325210624>. Acesso em: maio. 2014, p. 209.

Frente às respectivas afirmações críticas de Stirner, quanto ao pensamento feuerbachiano, acrescenta-nos o filósofo José Crisóstomo de Souza:

do ponto de vista de Max Stirner, a dificuldade de Feuerbach para assumir decididamente a individualidade singular residiria na sua permanência no interior do chamado “círculo mágico do cristianismo”, que se definiria pela preocupação em atribuir realidade plenamente objetiva a algo de genérico ou universal – em procurar “encarnar” uma ideia, como diria Stirner.¹⁷⁶

Marx Stirner aponta Feuerbach muito mais como “um profeta de um novo culto, de uma nova religião, do que o expoente de um audacioso ateísmo”.¹⁷⁷ Já nos primeiros capítulos de *O Único e Sua Propriedade* assevera:

Ao Deus que é espírito chama Feuerbach “a nossa essência”. (...) O Ser supremo é, na verdade, a essência do homem, mas é-o precisamente por ser a sua essência, e não ele próprio; por isso, é perfeitamente indiferente vê-lo fora dele como Deus ou querer encontrá-lo nele e chamar-lhe “essência do homem” ou “o homem”.¹⁷⁸

No pensamento stirneriano os indivíduos tornam-se realmente autônomos, quando tão somente os valores e predicados divinos que Feuerbach atribui ao Ser-Genérico passam a “ser igualmente destruídos de sua independência e transcendência com relação a eles e, nesse sentido, destruídos junto com a pessoa do ser supremo ao qual antes eram atribuídos”.¹⁷⁹

Contudo, observamos que a crítica desenvolvida por Stirner em sua obra *O único e sua Propriedade* resultou em “Feuerbach praticamente deixar de publicar, e Marx renunciou a seu papel como discípulo de Feuerbach com a sua breve, e crítica, *Teses ad Feuerbach*”.¹⁸⁰ Em publicações dos anos de 1860, na verdade, admite que “pouco restava do conceito-chave de *A Essência do Cristianismo*, que foi o principal alvo da crítica de Stirner”.¹⁸¹

3.1.3. Bruno Bauer

Quanto a Bruno Bauer, também crítico do pensamento feuerbachiano, França explicita seus pressupostos de que o mesmo “demonstra-se tocado pelas

¹⁷⁶ SOUZA, José Crisóstomo de. *A Metamorfose do Cristianismo em Ludwig Feuerbach*. In: Revista Ideação, Feira de Santana: UEFS, vol. I, n.º 1, 1997, p. 23.

¹⁷⁷ Ver sobre isto em SOUZA, José Crisóstomo de. *A Metamorfose do Cristianismo em Ludwig Feuerbach*. In: Revista Ideação, Feira de Santana: UEFS, vol. I, n.º 1, 1997, p. 18.

¹⁷⁸ STIRNER, Max, *O Único e sua Propriedade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009, p. 46.

¹⁷⁹ SOUZA, 1997, p. 18.

¹⁸⁰ STEPELEVICH, Lawrence *apud* FRANÇA, Rodrigo Ornelas. *Essencialismo e Modernidade: a crítica de Max Stirner*. Salvador, 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p. 25.

¹⁸¹ GORDON, Fredrick M, *apud* FRANÇA, Rodrigo Ornelas, *Idem*.

posições críticas de Stirner num texto de 1845, intitulado *Caracterização de Feuerbach*, de tal modo que Marx e Engels chegam a dizer que Bauer copia “desastradamente” Stirner para criticar¹⁸² Feuerbach”.¹⁸³ Contudo, também é interessante o fato de que no mesmo texto em que se dá a crítica ao autor de *A Essência do Cristianismo*, “Bauer também faça uma crítica à Stirner parecida com a de Feuerbach, sugerindo que o único stirneriano, o egoísta, seria apenas o oposto, a negação abstrata, o outro lado, do homem genérico de Feuerbach (“o comunitário, o sagrado”, etc.)”.¹⁸⁴ Com isso, também “apresenta mudanças na relação entre espécie e indivíduo, apresentando um gênero menos “inflado” e intrinsecamente ligado ao indivíduo”.¹⁸⁵

Em José Crisóstomo de Souza é possível identificar diferenciadas categorias de pensamentos entre Bauer e Feuerbach. Não obstante, para fundamentar tais categorias, Crisóstomo se apropria de Marx que, mediante citação bíblica, assevera que assim como no judaísmo que o povo apresentava um sentimento de ingratidão trocando Jeová por Baal, também estava trocando o “espiritualista” Bruno Bauer pelo “materialista” e “naturalista” Feuerbach.

Em 1845, Marx e Engels publicaram *A Sagrada Família*, contra um outro expoente da esquerda hegeliana, Bruno Bauer. Na *Ideologia alemã*, Max volta a falar de Bauer, para compará-lo ao Deus do judaísmo, Jeová, com a citação bíblica em que este clama contra a ingratidão de seu povo, que se volta para a divindade, Baal. Max quer dizer que estão abandonando o “espiritualista” Bruno Bauer pelo “materialista” e “naturalista” Feuerbach.¹⁸⁶

É na diferença do pensar de Bauer e Feuerbach que, sem dúvida alguma, surge à crítica baueriana. Assim como Crisóstomo de Souza que aponta possíveis diferenças nos referidos pensadores, França também busca na *Trombeta*, obra de Bruno Bauer de 1841, encontrar elementos norteadores da crítica de Bauer ao pensamento feuerbachiano, a saber:

Na *Trombeta*, de 1841, Bruno Bauer afirmava o Universal como essência da autoconsciência (*Selbstbewußtsein*). Em sua leitura, sobre a “pendência” hegeliana substância X autoconsciência, “O começo do saber é um ‘imolar-se à substância’, que deixa fora toda particularidade e opinião”. Está separação do universal (substância) da subjetividade humana (finita,

¹⁸² Ver também sobre a crítica stirneriana a Feuerbach em MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, *A Ideologia Alemã*. São Paulo, SP: Boitempo, 2007, p. 102.

¹⁸³ FRANÇA, Rodrigo Ornelas. *Essencialismo e Modernidade: a crítica de Max Stirner*. Salvador, 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p. 24.

¹⁸⁴ FRANÇA, 2010, p. 24.

¹⁸⁵ FRANÇA, 2010, p. 25.

¹⁸⁶ SOUZA, José Crisóstomo de. *A Metamorfose do Cristianismo em Ludwig Feuerbach*. In: Revista Ideação, Feira de Santana: UEFS, vol. I, n.º 1, 1997, p. 18.

singular), transforma a substância num sujeito próprio “pela sua tomada de consciência através do longo percurso dialético que é a História”. Daí a crítica de Bauer a Feuerbach. Esse último livra-nos de Deus, mas não para sermos finalmente indivíduos, e sim Gênero (*Gattungswesen*). O Gênero feuerbachiano, para Bauer, fortalece a substância quando o filósofo o separa (o gênero) do indivíduo, subjugando o último ao primeiro, na medida em que o Homem (Gênero) “toma” o lugar de Deus, e carrega, junto com o posto, os atributos da entidade dele destituída. Segundo Bauer, a essência infinita e autossuficiente como Feuerbach a caracteriza é para o homem um poder que não pode ser submetido à crítica, nem a nada; o homem é, assim, tão infinito e autossuficiente quanto uma lagarta, pois ele não pode atingir seus limites, que assim destruiu seu pensamento e vontade.¹⁸⁷

Bruno Bauer irá investir contra toda forma de tirania que impeça o homem de se tornar livre, de se tornar plenamente Homem; do mesmo modo que, por consequência, irá se opor também às ideias particularistas e egoístas. Para Bauer a verdadeira emancipação humana não estaria no Estado (*liberalismo político*), que só favorece o egoísmo do burguês, nem na Sociedade (*liberalismo social*), que só favorece o egoísmo do trabalhador. O que quer Bauer é a emancipação do indivíduo enquanto Homem (individual-universal).

3.2. INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO CRÍTICO RELIGIOSO DE FEUERBACH

3.2.1. A Influência Feuerbachiana em Karl Marx (1818-1883)

A influência de Ludwig Feuerbach em Karl Marx pode ser notadamente percebida quando tão logo Marx rejeita o idealismo, o cerne do sistema hegeliano, e substitui pelo materialismo. Em 1844 Marx iniciou a introdução à *Crítica da Filosofia do Estado de Hegel*, usando o pensamento de Feuerbach. Para Marx, assim como também para Feuerbach, a religião aliena o homem, isto é, “a religião é o aroma de uma sociedade alienada”.¹⁸⁸ A crítica de Marx constrói-se sobre os eixos da alienação, o que por sua vez “na questão da religião e da crítica religiosa, Marx está em oposição a Hegel e situando-se do lado de Feuerbach”.¹⁸⁹

Na opinião de Zilles é possível notar a proximidade de Marx com o pensamento do autor d’A *Essência do Cristianismo* na medida em que o próprio Marx destaca positivamente fragmentos do pensamento de Feuerbach, a saber:

Segundo Marx, Feuerbach demonstrou que a filosofia não é outra coisa que a religião formulada em pensamento e realizada de maneira pensante;

¹⁸⁷ FRANÇA, 2010, p. 60.

¹⁸⁸ ZILLES, 1991, p. 127.

¹⁸⁹ ZILLES, 1991, p. 125.

traduziu a dialética do espírito para a dialética da matéria real e concreta; interpretou a história não do espírito absoluto, mas do sujeito concreto da história do homem, da espécie humana, do proletariado (socialismo materialista).¹⁹⁰

Para Zilles “Feuerbach, contudo, não só preparou o caminho sendo apenas simples e casual predecessor. Muitas vezes permanece companheiro fiel de Marx no campo das ideias”.¹⁹¹

Em Feuerbach, na obra princípios da filosofia do futuro, há inícios da valorização da história, do social e da práxis do homem. Ai a crítica feuerbachiana da religião também já tem aspecto político social. O próprio Marx aí encontra fundamentos filosóficos para o socialismo.¹⁹²

Deyve Redyson partilha da mesma ideia de Zilles e, portanto, dá um passo à frente ao apontar o reconhecimento e simpatia com que Marx tratou Feuerbach em “*Manuscritos econômicos-filosóficos*” e “*A Sagrada Família*”.

A extrema simpatia com que Feuerbach é tratado nos “Manuscritos econômicos-filosóficos” e em seguida na “A Sagrada Família” expressa o reconhecimento que Marx tinha de Feuerbach, que pela primeira vez, insistiu na necessidade de se fazer uma inversão materialista da filosofia de Hegel. Marx se apropria dos aforismos de Feuerbach com uma certa liberdade, atribuindo-lhe outras conotações que não eram as expressas por Feuerbach conferindo-lhe uma entoação fora do ideário de Feuerbach.¹⁹³

Marx afirma a importância de Feuerbach como transição de um materialismo mecânico para um materialismo prático. Um materialismo que tem seu fundamento no homem, isto é, um materialismo que gira em torno da humanidade. São tais afirmações de Marx a respeito do autor que levou Alfred Schmidt em sua obra “*Feuerbach o La sensualidad emancipada*” a conclamar para uma nova leitura de Feuerbach para redescobrir uma abertura para se compreender Marx. Contudo, Redyson acrescenta-nos que Feuerbach é um pensador não somente importante para a formação de Marx como também para Engels. Afirma que na fase precedente à *Ideologia Alemã* e d’*As teses sobre Feuerbach*, o próprio Engels confia:

Quem tem descoberto o segredo do sistema? Feuerbach. Quem tem aniquilado a dialética dos conceitos, a guerra de deuses que só os filósofos conheciam? Feuerbach. Quem tem posto o homem no lugar da velha especulação, e também da autoconsciência infinita? Feuerbach e só Feuerbach.¹⁹⁴

¹⁹⁰ ZILLES, 1991, p. 123.

¹⁹¹ ZILLES, 1991, p. 125.

¹⁹² ZILLES, 1991, p.125.

¹⁹³ REDYSON, Deyve. *Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético*. In: Argumentos, revista de filosofia, ano3, nº. 5, 2011, p. 8.

¹⁹⁴ MARX; ENGELS *apud* REDYSON, Deyve. *Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético*. In: Argumentos, revista de filosofia, ano3, nº. 5, 2011, p. 9.

No entanto, dentro da perspectiva humanista que Feuerbach constrói, ganha a cena a antropologia, neutralizando o império dos impulsos teológicos. Essa dimensão do saber proporciona ao homem tornar-se responsável pelos frutos da cultura em geral, ser consciente de si e esclarecido quanto ao fundamento das coisas. A fantasia e, portanto, “o engano produzido pela religião apresentar-se-ia como uma forma de alienação, por projetar os conceitos do ideal humano num ser supremo”.¹⁹⁵Tais afirmações de Feuerbach atraíam a atenção do Jovem Marx e se tornariam a base de fundamentação para a formulação e sistematização de seu pensamento e suas subseqüentes teorias. Em Celso Frederico vamos encontrar o seguinte esclarecimento:

O elemento central do pensamento feuerbachiano que Marx, como leitor “tendencioso”, por sua conta e risco, procurou apoderar-se para criticar a filosofia do Direito de Hegel é a teoria da alienação. Aqui reside o cerne não só da contestação lançada à dialética hegeliana como também da crítica implacável à ilusão religiosa que conduziu Marx ao materialismo.¹⁹⁶

Sampaio e Frederico também se utilizam da argumentação de que,

[...] a influência de Feuerbach foi decisiva na formação do pensamento da Marx [...]. Presença marcante (em suas obras) obras juvenis [...], o crítico da alienação religiosa é ainda pouco conhecido do público brasileiro. Apontando quase sempre como o “responsável” pela “conversão” de Marx ao materialismo ou, contrariamente, como o ideólogo humanista que manteve o jovem Marx atrelado a uma problemática não-científica (Althusser), Feuerbach continua sendo desafio para os estudiosos de Marx.¹⁹⁷

Portanto, diante do que temos visto até aqui, mesmo que de forma sumariada, percebemos o incontestável fato de que os desdobramentos do pensamento feuerbachiano em Karl Marx nos possibilitam pensar que “Marx radicalizou o ateísmo de Feuerbach, o qual estava sempre em polêmica com a teologia e a religião. Em Feuerbach trata-se de ateísmo mediado, sempre envolto com ar ‘religioso’”.¹⁹⁸Enquanto que Marx, em contra partida, voltou-se diretamente a este mundo.

3.2.2. A Influência Feuerbachiana em Friedrich Nietzsche (1844-1900)

¹⁹⁵ ESPÍNDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da crítica da religião à defesa da dignidade humana*. In: Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v.32, nº 1, p. 3-8, jan.\jun. 2011, p. 7.

¹⁹⁶ FREDERICO, C. *O Jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social*. 2. Ed. São Paulo: Expressão popular, 2009, p. 25.

¹⁹⁷ SAMPAIO, B. A.; FREDERICO, C., *apud* ESPÍNDOLA, Arlei de, 2011, p. 4.

¹⁹⁸ ZILLES, 1991, p.129.

Sem dúvida alguma Friedrich Nietzsche é um dos filósofos mais marcantes do século XIX. Suas discussões sobre a religião e sobre Deus foram marcantes para a filosofia posterior e têm sido dignas de vários estudos até hoje. Nascido em 15 de outubro de 1844 em Rocken, na Prússia, foi filho de pastor protestante, em sua mocidade pensa em seguir a profissão de seu pai e avô, isto é, tornar-se pastor. Viveu, pois, os primeiros anos de sua vida num lar de pastor luterano. Quando tinha apenas cinco anos de idade, após a morte de seu pai em 1849, é obrigado a mudar com sua mãe para Naumburgo. Ali Friedrich Nietzsche viveu em companhia de sua mãe, da avó e de duas tias, ou seja, uma comunidade feminina.

Em 1854 entra para o ginásio e quatro anos depois recebe uma bolsa para estudar no célebre colégio de em Pforta, um internato. No ano de 1864, muda-se para Bonn a fim de estudar filologia clássica. Chegando lá, estuda primeiramente filosofia e teologia, tendo como professor Friedrich Ritschl, com o qual posteriormente se transfere para a Universidade de Leipzig. Já nessa cidade, toma contato com a obra de Schopenhauer e a partir de então se decide pelo ateísmo, abandonando definitivamente o cristianismo. Em 1869 Nietzsche torna-se professor de filologia clássica na Universidade de Basileia (Suíça). Em Basileia, faz amizade com o músico Richard Wagner. Pede demissão em 1879 da Universidade de Basileia por motivo de saúde. Em 25 de agosto de 1900, morre atormentado pela loucura e vitimado por pneumonia.

Expresso em diversas temáticas, o pensamento de Friedrich Nietzsche versa sobre o eterno retorno do mesmo, o super-homem, a vontade de poder, a “morte de Deus”, o niilismo. De acordo com Zilles “a vasta obra de Nietzsche apresenta caráter fragmentário, aforístico, totalmente assistemático. Consiste numa série de ideias-força, escrita numa linguagem brilhante”.¹⁹⁹ Todas as temáticas acima descritas indicam o esforço de revelar o sentido da existência do homem, após a morte do deus da metafísica.

Nietzsche é um pensador importante na história da filosofia da religião. Seu pensamento e crítica à religião marcaram bastante o pensamento contemporâneo. Para Nietzsche, o bem mais precioso do homem é a vida e, portanto, todo sistema que negue a vida, nega o que há demais importante no homem. Segundo Nietzsche a religião desempenha esse papel. Em nome de uma vida no porvir ela (a religião)

¹⁹⁹ ZILLES, 1991, p. 165.

relega tudo o que há de belo nesta vida, o que por sua vez não faz sentido para Nietzsche. A vida é, para ele, a última realidade. O homem deve buscar o infinito em vida e não para além dela. O infinito está dentro do homem. Da separação entre o homem e o infinito nasce a religião. Nessa perspectiva, Nietzsche está bem próximo do pensamento de Feuerbach. Deus precisa morrer para que o homem possa realmente se concretizar como um ser de vida que é livre e não tem mais as proibições propiciadas por esse Deus que o impede de ser quem ele realmente é. Para tanto, é nesse sentido que aqui se pretende discorrer, isto é, as possíveis semelhanças e influências do pensamento de Feuerbach em Nietzsche.

Inicialmente devemos dizer que, em primeira instância um dos fatores de semelhanças entre Nietzsche e Feuerbach reside no fato de que os “dois pensadores, insatisfeitos com a maneira dogmática de se entender as coisas e seus processos perante o homem e sua verdadeira natureza”,²⁰⁰ se apresentam por inscrever seus nomes no ateísmo e no agnosticismo. Redyson explicita seus pressupostos de que “há muito que se dizer sobre os dois pensadores, pois a obra em conjunto de ambos nos denota um grandioso esquema filosófico que nos leva a conceitos-chave na filosofia do século XIX.”²⁰¹ No entanto, existem poucos estudos sobre a relação do pensamento de Feuerbach e Nietzsche.²⁰²

Outro fator em que se deve atentar quanto à discussão sobre a influência feuerbachiana em Nietzsche é basicamente o fato de que os mesmos “vão buscar sua inspiração contra o cristianismo no mergulho do conhecimento da religião - ambos grandes conhecedores das religiões e de suas doutrinas”.²⁰³ Deyve Redyson, na tentativa de compreender os elementos de grande semelhança e distância que há no pensamento filosófico de Feuerbach e Nietzsche, inicia sua discussão em *Uma Filosofia Para o Futuro: Semelhanças e Distâncias entre Feuerbach e Nietzsche*, evidenciando algumas questões provocativas:

Será que o “ateísmo” e a proposição “Deus está morto”, de Nietzsche, tem as mesmas proporções em Feuerbach? Será a redução da teologia à antropologia de Feuerbach uma influência a Nietzsche? Ou ainda mais, será que a filosofia do futuro é necessariamente a reforma filosófica mais séria que existiu?²⁰⁴

²⁰⁰ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, (série filosofia, 8), p. 85.

²⁰¹ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, (série filosofia, 8), p. 85.

²⁰² CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 85.

²⁰³ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 85.

²⁰⁴ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 86.

Certamente as questões inicialmente apresentadas por Redyson abrem caminho para aventurar-se no pensamento dos autores aqui em questão.

Uma maneira eficaz de se perceber a aproximação dos pensamentos de Feuerbach em Nietzsche e, portanto a influência feuerbachiana, é observando *O Nascimento da Tragédia ou Pessimismo e Helenismo*, primeira obra publicada por Nietzsche em 1872. Na referida obra é possível notar que Nietzsche “leu Feuerbach e deve muito a ele nos entremeios de sua vasta obra. Várias são as citações encontradas na obra de Nietzsche em referência a Feuerbach”.²⁰⁵

Também pode-se atribuir a aproximação do pensamento de Feuerbach em Nietzsche a uma amizade em que nosso pensador que asseverava a morte de Deus tinha com um compositor alemão chamado Richard Wagner (1813-1876). Tal amigo toma conhecimento dos escritos de Feuerbach em 1849 por meio de um padre católico e agitador político chamado Metzdorf. A partir de então, torna-se Richard, um grande e entusiasmado leitor de Feuerbach. Os reflexos de sua obra em Wagner “foram tão intensos que, depois da publicação de *Princípios da Filosofia do Futuro* (Das Kunstwert der Zukunft), de Feuerbach, Wagner escreveu, *A obra de Arte do Futuro* que, em sua primeira edição de 1851, dedicou a Feuerbach.”²⁰⁶

As ideias de Wagner chamam a atenção de Nietzsche ao ponto de o mesmo comentar a respeito da “exclusiva dedicação de Wagner aos homens do futuro e de certa forma sua influência feuerbachiana”.²⁰⁷ Sobre isso, Redyson apresenta-nos o comentário de Nietzsche sobre a ideia de Wagner em 1870 na carta a Erwin Rohde:

Um livro de Wagner sobre Beethoven, que acaba de publicar-se, poderá indicar-te muito do que eu desejo do futuro. Lê-lo; é um anúncio do espírito em que vivemos – nós! – no futuro.²⁰⁸

Também em sua terceira dissertação, em “*Genealogia da moral*” de 1887, com relação a Wagner, Nietzsche segue fazendo referências que denotam críticas, acertos e semelhanças a Feuerbach. Em Redyson encontraremos, em citação a Nietzsche, uma dessas referências:

Recorde-se o entusiasmo com que uma vez Wagner seguiu as pegadas do filósofo Feuerbach: a expressão feuerbachiana sensualidade sadia – nos

²⁰⁵ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 87.

²⁰⁶ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 88.

²⁰⁷ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 89.

²⁰⁸ NIETZSCHE, F, *apud*, CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de. 2009, p. 89.

anos 30 e 40 isto soava para Wagner, e para muitos alemães..., como a própria palavra da Salvação.²⁰⁹

Na visão de Redyson, portanto, sem sombra de dúvidas, somos levados a acreditar que os escritos de Wagner, carregados do pensamento feuerbachiano, apresentam-se como uma “ponte” que permite o acesso de Nietzsche aos pensamentos de Feuerbach. No entanto, essa não é a única forma de Nietzsche ter acesso a Feuerbach. Redyson utiliza-se da argumentação de que não se pode “saber até onde Nietzsche conhece a obra de Feuerbach, sabe-se que Nietzsche lera *A Essência do Cristianismo e Pensamentos Sobre Morte e Imortalidade*”.²¹⁰

Outro fragmento do pensamento feuerbachiano que denota forte influência de Feuerbach em Nietzsche é o fato de os dois pensadores serem grandes críticos do apóstolo Paulo de Tarso. Para Feuerbach o apóstolo Paulo é detentor de uma determinação dogmática exclusiva e escrupulosa e só se preocupa com a glória, a honra e o mérito de Deus. Enquanto que Nietzsche, não muito diferente da ideia feuerbachiana, apresenta Paulo como o fundador do cristianismo e responsável em unir o helenismo e a tradição judaica legalista. Paulo “é, ainda para Nietzsche, aquele que subverteu a prática de Cristo e a converteu em um outro tipo de anúncio.”²¹¹ Na opinião de Redyson, “a moralidade a que o cristianismo se propõe é necessariamente fantasiosa e ilusória. Tanto Nietzsche como Feuerbach combatem essa designação.”²¹²

3.2.3. A Influência Feuerbachiana em Sigmund Freud e sua Psicanálise (1856-1939)

Rubem Alves, em apresentação a obra *A essência da religião*, aponta Feuerbach como o precursor da psicanálise. De igual modo, o mesmo autor, ao escrever o prefácio do livro *Desejo de Deus*, de Juan Guillermo Drognett, que se propõe a estabelecer um diálogo entre psicanálise e fé, afirma que Feuerbach deveria ser leitura obrigatória para todo psicanalista e ainda ressalta a semelhança em que há nos escritos de Freud com o pensar de Feuerbach:

²⁰⁹ NIETZSCHE, F, *apud*, CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 102.

²¹⁰ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p. 103.

²¹¹ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p.107.

²¹² CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Márcio Gimenes de., 2009, p.107.

Ludwig Feuerbach, antes de Freud, no seu livro *A essência do cristianismo* (deveria ser leitura obrigatória para todo psicanalista), disse o seguinte: “A religião é um sonho da mente humana. [...] Vemos as coisas reais no fascinante esplendor da imaginação e do capricho... O homem – esse é o mistério da religião – projeta o seu ser na objetividade e, a seguir, faz-se objeto dessa imagem projetada de si mesmo, agora transformada em sujeito” (Feuerbach, Ludwig. *The essence of Christianity*. N. Iorque, Harper, 1957, p. XXXIX e 29-30). Segundo Feuerbach – creio que Freud concordaria com ele – o fenômeno objetivo denominado religião se deve a um mecanismo psicológico: o homem toma a sua essência (esta é a palavra usada por ele) e a projeta para fora, tendo o universo como tela. Assim, aquilo que era “sonho” é transformado numa realidade objetiva exterior, independente do homem, a qual se volta sobre ele e o domina. Essa é a essência da idolatria: a transformação do sonho em realidade. Os Deuses são ídolos.²¹³

Conforme mostrado também por Urbano Zilles em sua *filosofia da religião*, Hans Küing comenta a similaridade que há entre Feuerbach e Freud, isto, sob o ponto de vista da crítica religiosa.

Hans Küing mostrou, de maneira convincente, que o ateísmo de Freud não é consequência de sua psicanálise. Desde o tempo de estudante já era ateu. Portanto seu ateísmo é anterior. Antes procura justificar o que já decidira previamente. Nisto há muita semelhança entre Feuerbach e Freud. Por isso podem fazer-se algumas observações críticas comuns a ambos. Como em Feuerbach, também a crítica à religião não passa de hipótese não demonstrada.²¹⁴

Não há como negar a influência do pensamento de Feuerbach sobre os escritos freudianos. Em Freud, assim como em Feuerbach, manifesta-se uma crítica religiosa ateia. Para Freud,

o homem é um ser insatisfeito, que deseja sempre maior felicidade. Mas entre seu desejo e a realidade há enorme distância. O infinito não passa de um produto do desejo e da fantasia do espírito humano, pois é apenas uma ideia, ou seja, uma ilusão.²¹⁵

Segundo aponta Urbano Zilles, para Freud,

a questão não é se Deus existe. Mais sim, por que existem a religião e a fé? Por que a humanidade chega a crer em algo que de fato não existe, ou seja, por que o homem chega a ideia de Deus? A psicanálise freudiana tem pressupostos antropológicos. De maneira análoga a Feuerbach, Freud quer defender o homem através da tentativa de descobrir a gênese psicológica da religião e da ideia de Deus.²¹⁶

²¹³ DROGUETT, Juan Guillermo. *Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 10.

²¹⁴ ZILLES, 1991, p. 154.

²¹⁵ LOGOS Apologética Cristã. Freud: o conflito entre natureza e cultura, 2014. Disponível em: <<http://logosapologetica.com/freud-conflito-natureza-cultura/>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

²¹⁶ LOGOS Apologética Cristã. Freud: o conflito entre natureza e cultura, 2014. Disponível em: <http://logosapologetica.com/freud-conflito-natureza-cultura/>. Acesso em: 15 dez. 2014.

Para a antropologia freudiana é determinante considerar o homem como um ser instintivo, que está condicionado, no fundo, pelos instintos e impulsos, incluindo seus mais diversos desejos.

Não obstante, descobriu Freud um modelo na interpretação dos sonhos e dos sintomas neuróticos como “realização dos desejos mais antigos, mais fortes e mais intensos da humanidade”. Que desejos? Dos desejos da criança desamparada que busca proteção diante dos perigos da vida. Imortalidade e Deus são desejos infantis derivados, em última análise, do complexo de Édipo não curado. Essa perspectiva Freud aplica-a não só ao indivíduo como também à humanidade.

Já anterior a essa ideia freudiana, da religião como fruto da infantilidade da humanidade, afirmava Feuerbach: “a religião é a essência infantil da humanidade; mais a criança vê a sua essência, o ser humano, fora de si – enquanto criança é o homem objeto para si como outro homem”.²¹⁷ De maneira bastante clara, é fácil identificar a influência de Feuerbach em Freud. Sobre a ideia da existência do homem, por exemplo, Freud conclui que não é verdade que Deus tenha criado o homem à sua imagem e semelhança. Para ele, a verdade seria o contrário, o homem é quem cria seu Deus conforme a sua própria ideia e semelhança:

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião.²¹⁸

Esse pensar de Freud deriva-se da ideia feuerbachiana de que não é Deus que cria o homem, mas o homem é quem cria Deus. Deus, portanto, para Feuerbach, é projeção humana. É o coração fictício que o desejo inventou, para tornar o universo humano e amigo. Daí, portanto, surge a ideia da religião como ilusão, desejos que nascem da necessidade de que tem o homem de se defender da força esmagadoramente superior da natureza. Narcóticos. Como diria Marx: o ópio do povo.

²¹⁷ FEUERBACH, 1997, p. 56.

²¹⁸ FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Editora Ímago, 1997, p. 33.

Freud lança mão desse pensamento de Feuerbach sobre a religião e acrescenta que a mesma exerce a função de ajudar o homem a satisfazer na imaginação o que na realidade não pode realizar. Ressalta os problemas gerados pela sociedade, que possivelmente levaria o homem a criar essa religião, que é ilusão, fruto do desejo do próprio homem de alcançar o que foge à sua realidade:

Tal como para a humanidade em geral, também para o indivíduo a vida é difícil de suportar. A civilização de que participa impõe-lhe uma certa quantidade de privação, e outros homens lhe trazem outro tanto de sofrimento, seja apesar dos preceitos de sua civilização, seja por causa das imperfeições dela. A isso se acrescentam os danos que a natureza indomada – o que ele chama de destino – lhe inflige. [...]

Assim, todos os terrores, sofrimentos e asperezas da vida estão destinados a se desfazer. A vida após a morte, que continua a vida sobre a terra exatamente como a parte invisível, nos conduz à perfeição que talvez tenhamos deixado de atingir aqui.²¹⁹

Em conformidade com Feuerbach, Freud também dedicou alguns de seus estudos especificamente à religião: *Totem e tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1927); *Moisés e a religião monoteísta* (1938). Todas essas obras contêm hipóteses muito ricas em fantasia sobre a origem e natureza da religião, baseadas sempre num ateísmo postulado e dogmático. É bom não esquecer, entretanto, que a religião é tema permanente na maioria de suas obras.

Em sua obra *Totem e tabu* (1913), Freud diz que a vida religiosa do homem primitivo girava em torno do totem. As tribos eram divididas em diversos clãs, tendo, cada qual, seu totem. No começo era um animal comestível e era visto como antepassados do clã. Depois de seus membros comerem sua carne criam transmitir o caráter totêmico através da geração.

Em seu escrito sobre *O futuro de uma ilusão* (1927) diz Freud, que as concepções religiosas são proposições doutrinárias sobre fatos e realidades externas que comunicam algo que não se encontrou e reivindicam que nelas se creia. Ainda na obra *Moisés e a religião monoteísta* (1938) descreve a evolução do totemismo primitivo até o monoteísmo. O animal totem passa a ser o símbolo do pai divinizado. Este Deus passa a Ter cada vez mais traços humanos e criam-se outros deuses de acordo com as diferentes imagens dos homens em suas situações sociais, chegando ao politeísmo. Evolui-se ao monoteísmo quando Moisés converte o pai tirano no Deus único. De um lado, os judeus sentiam a satisfação de terem o

²¹⁹ FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Editora Ímago, 1997, p. 25-28.

Deus mais forte e, de outro proibindo fazer imagens desse Deus, abriam caminho para a racionalização.

É interessante saber que a doutrina psicanalítica, criada no final do século XIX por este médico austríaco Sigmund Freud, tinha como preocupação inicial “descobrir como minorar o sofrimento causado pelos distúrbios emocionais. Em lugar de aceitar que se devia amortecer esse sofrimento mediante a prescrição de remédios”.²²⁰

Ainda assim, Freud

procurou descobrir quais fenômenos estavam em sua gênese. Concluiu que o desejo era o que estava encoberto, e constatou também que a manifestação dessa verdade provocava efeitos positivos sobre os sintomas, principalmente sobre o sofrimento, cuja causa é o desconhecimento do desejo. Ou seja, a revelação do desejo reprimido eliminava o sofrimento.²²¹

Em sua análise, Freud parte da teoria da projeção de Feuerbach. Nesta, as concepções religiosas são auto representações humanas determinadas pelo desejo. Segundo ele, Karl Marx baseou-se, de certa forma, nesta teoria para desenvolver a “tese do ópio” e a “tese do fetichismo”.

3.3. CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO CRÍTICO DE FEUERBACH SOBRE A RELIGIÃO.

Aqui neste item pretendemos desmistificar a figura de Feuerbach como um pensador menor, empobrecido, ou mesmo neutralizado, cujas ideias não são mais necessárias em nosso tempo.

Durante décadas a figura de Ludwig Feuerbach foi ofuscada e o seu lugar de direito na história da filosofia restrito ao estigma de pensador negativo, confinado ao papel de fundador do ateísmo e demolidor da filosofia especulativa. No entanto, hoje nos é possível observar que novas perspectivas e categorias do pensamento crítico de Feuerbach sobre a religião, vêm sendo estudadas por pensadores contemporâneos. O que por sua vez torna-se premente a necessidade de aqui se apresentar, mesmo que de forma sumariada e por vezes até insipiente, alguns desses pensadores e suas respectivas leituras do pensamento crítico-religioso de Feuerbach.

²²⁰ ENCICLOPÉDIA Britânica do Brasil Publicações Ltda. Psicanálise Lacaniana. Psicanálise. Disponível em: <http://lacan.orgfree.com/psicanalisebarsa.htm>. Acesso em: 13 mar. 2014.

²²¹ ENCICLOPÉDIA Britânica do Brasil Publicações Ltda. Psicanálise Lacaniana. Psicanálise. Disponível em: <http://lacan.orgfree.com/psicanalisebarsa.htm>. Acesso em: 13 mar. 2014

3.3.1. Rubem Alves

A principal obra de Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, edição em português pela *papyrus*, tem sua apresentação feita pelo teólogo e filósofo Rubem Alves. Logo de início Alves o denomina como um apaixonado pela religião e, portanto, busca o fundamento para tal afirmação no próprio pensamento feuerbachiano, quando o mesmo assevera que “sua intenção não era destruir mas redescobrir; não silenciar a voz da religião, como ilusão ou quimera, mas oferecer um código que nos permitisse entender seus segredos”.²²²

É basicamente neste ponto, no que se refere a um código que proporcione entender a religião, que Alves apresenta um possível caminho para se compreender a crítica feuerbachiana da religião, a saber: por meio do discurso. A religião para Alves, “se revela, entre outras coisas, por meio de um discurso. Enquanto não descobrimos o código que rege o uso dos seus símbolos, o discurso religioso permanece como enigma ou como um equívoco”.²²³ Não obstante, Alves ressalta a importância de se observar o discurso como um caminho para se entender a religião e seus fenômenos, o mesmo não se aprofunda no assunto em questão, reservando-se apenas em apontar o caminho e não percorrê-lo. Contudo, sua observação é extremamente relevante e, portanto, válida, à medida que suscita mais uma possibilidade de se ler Feuerbach em sua crítica da religião.

N’*O Enigma da religião*, em sua abordagem sobre a Morte de Deus, Alves ao discorrer sobre vários elementos do pensamento de Feuerbach sobre a religião, conclui que, de fato, não há como negar a grande contribuição de sua análise. No entanto, afirma que não “podemos ignorar que ela sofre de uma deficiência: simplifica demais as coisas ao descrever o fenômeno religioso em termos puramente psicológicos”.²²⁴

Alves utiliza-se da argumentação de que “o fato é que a linguagem nem pode ser entendida como uma coletânea de instantâneos do mundo, e nem como uma série de instantâneos da essência psicológica do homem”.²²⁵ Desse modo, nos deparamos novamente com as mesmas questões as quais Rubem Alves ligeiramente abordou em sua apresentação n’*A Essência do Cristianismo*: as

²²² FEUERBACH, 1997, p. 7.

²²³ FEUERBACH, 1997, p. 8.

²²⁴ ALVES, Rubem Azevedo. *O Enigma da Religião*. 3ª ed., Campinas: Papyrus, 1984, p. 64.

²²⁵ ALVES, 1984, p. 64.

questões da linguagem e do discurso como elementos necessários para descobrir o código segundo o qual as palavras são usadas. Segundo Alves, se “entendermos o nascimento da linguagem, entendemos neste mesmo ato o nascimento de Deus”.²²⁶

Alega que

não se pode, portanto, admitir que a linguagem religiosa seja o resultado da projeção de uma essência interior e inata ao homem (e portanto a-histórica), pois a consciência não é uma entidade autossuficiente, mas o resultado de um relacionamento.²²⁷

Para Alves, “linguagem não é arte fotográfica: é interpretação”.²²⁸ É o homem que compreende e interpreta o mundo e por meio deste ato o constrói pra si. Em seu *O Que é Religião*, Alves também compara a linguagem religiosa a um “espelho em que se reflete aquilo que mais amamos, a nossa própria essência”.²²⁹

3.3.2. Adriana Veríssimo Serrão

Outra abordagem contemporânea sobre a crítica feuerbachiana da religião, digna de nota, é o da portuguesa Adriana Veríssimo Serrão. Presidente do Conselho Científico da Sociedade Feuerbach (Berlim), tradutora de *A essência do Cristianismo* e com diversos textos publicados sobre Feuerbach, Serrão configura-se em um dos grandes nomes da contemporaneidade que tem debruçado a estudar o pensamento de Feuerbach.

Em seu *Feuerbach e a Apoteose da Vida*²³⁰ Serrão ressalta a relevância de Feuerbach na medida em que inicia seu texto, afirmando que já foi ultrapassada a imagem de Feuerbach como um pensador de transição entre Hegel e Marx, bem como também revela que foi ultrapassada a imagem de Feuerbach como crítico da religião e da filosofia especulativa e como um autor com alcance negativo, destituído de ideias próprias.

De acordo com Serrão,

a literatura das últimas décadas tem vindo a dirigir-se para o estudo em primeira mão dos textos de Feuerbach e para a compreensão direta de sua doutrina”. Os esteriótipos tradicionais que lhe atribuíam um estatuto menor foram cedendo, um após o outro, perante a descoberta de um pensamento multifacetado, rico de temas originais, surpreendente pela introdução na

²²⁶ ALVES, 1984, p. 65.

²²⁷ ALVES, 1984, p. 65.

²²⁸ ALVES, 1984, p. 64.

²²⁹ ALVES, Rubem, *O que é religião*. 5ª ed., São Paulo: Loyola, 2003, p. 96.

²³⁰ Texto publicado em CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

filosofia de muitos tópicos desconhecidos na sua época, mas antecipadores de um futuro que é já o nosso: a coesão da subjetividade como nova figura da razão, a invenção do princípio interpessoal Eu e Tu, e outras ainda, de feição ética e política, como incluindo o respeito pelos animais.²³¹

Para a portuguesa, “continua em aberto o trabalho de reconstituição das ideias do filósofo”²³² da crítica da religião e, portanto, “sendo evidentemente múltiplas as possibilidades de abordar a doutrina de Feuerbach como uma filosofia coesa, mobilizada por problemas intrínsecos e seguido de cadências e curvas de amadurecimento”.²³³ Serrão defende a ideia de que os escritos de Feuerbach indicam “orientações para um futuro reformado e regenerado, cedendo lugar a novas formas de filosofar, visando diretamente o grande público, o homem em geral e não somente os círculos filosóficos”.²³⁴ Contudo, é envolvida por esse pensamento que Serrão faz uma breve passagem pelos primeiros escritos de Feuerbach, o que chama de “fio condutor” firme e claro, para centrar na última fase dos escritos feuerbachianos e alavancar seus pressupostos sobre uma filosofia da vida, isto é, uma *Apoteose da Vida*.

Em *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral* (Gulbenkian, 1999), Serrão assevera que o mesmo “nasceu da necessidade há muito sentida de compreender no seu conjunto o pensamento de Ludwig Feuerbach,”²³⁵ no entanto ressalta a profunda originalidade e atualidade do autor que fora demasiado marginalizado ou tratado com incompreensível ligeireza, por grande parte da literatura que lhe tem sido dedicada.

Serrão explicita seus pressupostos de que em todos os temas que se apresentam em Feuerbach, existem portanto, dois que se mostram em imediato e evidentemente mais explícito: a análise da religião e a contestação dos fundamentos da tradição filosófica. Porém, a proposta de Serrão no texto em questão é, sobretudo, considerar como problema único a istauração simultânea de um modelo humano da razão e de uma concepção integral do ser humano. Serrão utiliza-se da argumentação de que

pensar a natureza da razão é o mesmo que pensar a natureza do homem, dois aspectos que começam por despontar como paralelos, mas que virão a

²³¹ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 15.

²³² CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de., 2009, p. 16.

²³³ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de., 2009, p. 16.

²³⁴ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de., 2009, p. 17.

²³⁵ SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999, p. 11.

coincidir num único problema. Fundar a natureza da razão significa buscá-la nos seres humanos existentes, seus únicos sujeitos e protagonistas, para neles e a partir deles colher as suas dimensões essenciais constitutivas. A filosofia de Feuerbach torna-se necessariamente numa antropologia, não na acepção de uma restrita doutrina do humano, mas no sentido totalizador de filosofia fundamental, suscetível de responder por sua vez e de modo renovado às grandes questões de toda a filosofia.²³⁶

Aqui, contudo, devemos dizer que os pressupostos elementares da proposta de Serrão abarcam uma antropologia que se complementa num projeto futurizante e num humanismo de matriz ética.²³⁷ Ao anunciar que o homem só poderá chegar a reivindicar o estatuto de ser racional no momento em que se tornar inteiramente humano, Serrão, na verdade, está propondo se pensar a respeito de um *homem integral*. O que evidencia, sem sombra de dúvidas, um atual e novo pensar sobre a crítica feuerbachiana da religião.

3.3.3. José Crisóstomo de Souza

José Crisóstomo de Souza também se configura em um dos pensadores da atualidade, que tem dedicado parte de seus escritos ao estudo dos jovens hegelianos e, por conseguinte, a Feuerbach.

Para José Crisóstomo, “Feuerbach é o filósofo clássico do ponto de vista “antropológico”, o pensador do homem como “ser supremo para o homem”, o grande expoente do culto explícito do “ser genérico”, o pensador do altruísmo e do amor.”²³⁸ Em seu *A Metamorfose do Cristianismo em Ludwig Feuerbach*, Crisóstomo trata de associar o ponto de vista materialista de Feuerbach à sua crítica do cristianismo e do idealismo como egoísmo e faz ressaltar o prolongamento dessa perspectiva nas concepções do jovem Marx. Em seguida, Crisóstomo mostra “mais diretamente uma dimensão restauradora da crítica feuerbachiana do cristianismo como alienação, na sua proposta de reapropriação, pelo homem, dos predicados humanos atribuídos a Deus pela religião.”²³⁹ No entanto, os efeitos da trajetória da abordagem de Crisóstomo em seu texto acima, o leva a questionar, juntamente com outros

²³⁶ SERRÃO, 1999, p. 20.

²³⁷ Ver sobre isto em SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999, p. 21.

²³⁸ SOUZA, José Crisóstomo de, “*A Metamorfose do Cristianismo em Ludwig Feuerbach*”. In: *Ideação*, Feira de Santana, BA: UEFS, NEF, vol. 1, n. 1, 1997, p. 16.

²³⁹ SOUZA, 1997, p.16.

teóricos contemporâneos, a legitimidade da então chamada “revolução feuerbachiana” como uma possível falsa revolução. Afirma Crisóstomo que

Depois do frequentemente ignorado Max Stirner, vários autores contemporâneos chegaram a conclusões semelhantes, ao diagnóstico da “revolução feuerbachiana” como falsa revolução. Além de Henri Arvon, Michel Henry, por exemplo, entende que a “antropologia” feuerbachiana, como suposto retorno ao homem daquilo que é seu, “não realiza nada, nem a menor mutação conceitual, nem a menor mudança no conteúdo dos conceitos que toma emprestado de Hegel”. E Frederick Gordon conclui que o homem feuerbachiano resultou ser “um ideal”, “um deus”, “num sentido mais literal do que Feuerbach pretendia – o que, pelo visto, é uma crítica benevolente, pois é intencionalmente que Feuerbach ressuscita a religião”. Para Gordon, em todo caso, “tudo o que Feuerbach atacava em Hegel, trouxe de volta como uma parte essencial de seu próprio pensamento”. Por fim, Segundo Gerar Lebrun, com Feuerbach a infinitude do Espírito absoluto hegeliano, como hipostasia e alienação, deu lugar à do “gênero”, e agora este será o novo nome do “infinito”.

Será esse o bravo pensador abraçado e celebrado por Marx e Engels como aquele que soube romper radicalmente com o idealismo e especulação hegelianas?

As questões levantadas por Crisóstomo são muito pertinentes, à medida que suscita um espírito investigativo sobre as ideias feuerbachianas e pressupõe um olhar mais criterioso quanto à crítica religiosa de Feuerbach.

Em *O mesmo e o Outro: Feuerbach, Ética e Alteridade*, Crisóstomo parece conservar o mesmo espírito crítico e questionador sobre as ideias feuerbachianas. Desta feita, Crisóstomo nos apresenta Feuerbach como o filósofo do laço do eu com o outro, do eu-tu, o filósofo de uma ética do altruísmo e do amor e, “também, ademais, o filósofo da realidade sensível da natureza e do ser natural-sensível dos homens; quer recuperar a nossa ‘sensualidade’”.²⁴⁰ Crisóstomo no presente texto trata de associar o lado naturalista/materialista do ateísmo de Feuerbach à sua intransigente crítica do cristianismo e da modernidade como “alienação” e “egoísmo”. Nesse sentido, Crisóstomo assevera, assim como sinalizou também Rubem Alves, que a descendência filosófica de Feuerbach “inclui não apenas o comunista Karl Marx, os socialistas humanistas e Martin Buber, mas também os filósofos da ética do discurso, Karl-Otto Apel e Jurgen Habermas”.²⁴¹

Crisóstomo explicita também seus pressupostos de que o cristianismo tem como egoísta e promovedor do egoísmo o criacionismo, que por sua vez concebe a natureza como “nada”, como produto e objeto de uma vontade subjetiva, e, logo,

²⁴⁰ A citação que aqui é feita foi extraída do texto *O Mesmo e o Outro: Feuerbach, Ética e Alteridade*, texto que retoma e reformula algumas partes do artigo Feuerbach, Crítica da Religião, Crítica da Modernidade, incluído na coletânea *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach* (Chargas, Redyson, de Paula, org., Edições UFC, Fortaleza, 2009.), p. 2.

²⁴¹ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de., 2009, p. 2.

apenas como um meio para seus fins. Também desperta a nossa atenção ao fato de que em Feuerbach abre-se caminho para se pensar em uma Pós-Modernidade – amorosa, altruísta, comunitária e coletiva. Temas que serão abordados por Crisóstomo não somente no texto aqui indicado, mas, sobretudo, em maior parte de seus escritos que abordem o tema da crítica religiosa de Feuerbach.

3.3.4. Draiton Gonzaga de Souza e Urbano Zilles

Quanto à Draiton Gonzaga de Souza, outro teórico que se dedica ao estudo de Feuerbach, devemos dizer que o mesmo, em seu *O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach*, se detém a apresentar a vida e obra do nosso autor d'*A Essência do Cristianismo*, bem como também explicitar os principais temas abordados por Feuerbach em sua crítica a religião.

Assim como também em Urbano Zilles em sua *Filosofia da Religião*, o texto de Souza é relevante na medida em que permite ao leitor não somente conhecer o pensamento de Feuerbach, sobretudo, conhecer as implicações de seu pensamento no contexto social e impacto no meio intelectual de sua época e seus desdobramentos na história da filosofia. Souza finaliza sua obra mostrando-se de maneira imparcial quanto à sua abordagem do pensamento crítico de Feuerbach frente à religião, e afirma:

É importante ressaltar, porém, que diante da crítica religiosa de Feuerbach, não se trata de defender-se nem imunizar-se; não se pode assumir a posição daquele que só vê pontos negativos num pensador. Toda atitude de defesa, como também de ataque, revela a insegurança da própria posição e uma postura pouco honesta intelectualmente. É necessário, outrossim, um posicionamento crítico, tomando esta palavra no seu sentido etimológico. O ateísmo de Feuerbach, por fim, apresenta-se como um humanismo excludente e *ateu*, que propõe o seguinte dilema: ou o homem ou Deus.²⁴² optando pela afirmação do homem e a conseqüente negação de Deus.

3.3.5. Eduardo F. Chagas, Deyve Redyson e Marcio Gimenes de Paula

Diferente de Souza e Zilles que se reservam a descreverem de maneira geral o pensamento crítico de Feuerbach sobre a religião, isto é, suas ideias, trajetória de vida, principais obras e reações ao seu pensamento, Eduardo F.

²⁴² SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993, p. 78-79.

Chagas, Deyve Redyson e Marcio Gimenes de Paula aplicam-se a estudar fragmentos do pensamento feuerbachiano que denotam seu caráter de urgência reflexiva.

Chagas, por exemplo, ao debruçar-se sobre o estudo d'*A Majestade da Natureza em Ludwig Feuerbach* se depara com a difícil tarefa de desenvolver e explicar o conceito de natureza. O desafio consiste inicialmente em juntar os fragmentos do pensamento de Feuerbach sobre a natureza e ordená-los de forma sistemática, para então compreendê-los. No entanto, a tarefa mostra-se extremamente desafiadora porque Feuerbach não nos deixou nenhuma filosofia da natureza explícita e acabada e também não redigiu nenhum escrito pormenorizado e sistematizado acerca da natureza. O que se tem em suas obras é, todavia, na opinião de Chagas, diferentes passagens, uma abundância de aforismos, epigramas e reflexões filosóficas sobre a natureza. Assim, “o conceito de natureza de Feuerbach foi desdobrado, em sua obra, na verdade apenas de maneira fragmentada, mas ele está, apesar disto, no centro de sua filosofia”.²⁴³

Sendo assim, Chagas aventura-se no tema da natureza de Feuerbach e apresenta as posições feuerbachianas sobre a natureza e a relação do homem com a mesma.

Deyve Redyson por sua vez, em seu texto que trata de *Uma Filosofia para o Futuro: Semelhanças e Distâncias entre Feuerbach e Nietzsche*, traz uma proposta até então inusitada: “compreender os elementos de grande semelhança e distância que há no pensamento filosófico de Ludwig Feuerbach (1804-1872) e Friedrich Nietzsche (1844-1900)”.²⁴⁴ Redyson, a partir de vários elementos da vida de ambos os pensadores, vai traçando paralelos e cruzando ideias que vislumbrem possíveis semelhanças desses dois pensadores que, “insatisfeitos com a maneira dogmática de se entender as coisas divinas e seus processos perante o homem e sua verdadeira natureza”²⁴⁵, terminam por inscrever seus nomes no ateísmo e no agnosticismo.

Quanto à Marcio Gimenes de Paula, a sua proposta de discussão recai sobre um dos assuntos que é um dos conceitos chaves em Feuerbach, sendo, portanto, uma importante obra publicada em 1830: *Os Pensamentos Sobre Morte e*

²⁴³ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 37.

²⁴⁴ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de, 2009, p.85.

²⁴⁵ CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de, 2009, p.86.

Imortalidade. O texto de Paula, *Algumas Considerações Sobre Morte e Imortalidade*, ressalta a ideia de que quando Feuerbach aborda sobre morte e imortalidade, na verdade o mesmo está tratando de um projeto antropológico, que conseqüentemente passa pelo viés da religião, literatura e política.

Portanto, tendo visto algumas posições de teóricos contemporâneos sobre a crítica religiosa de Feuerbach e seus possíveis desdobramentos em diversos temas que envolvem o pensamento feuerbachiano, vale ressaltar que tratamos aqui de apresentar apenas alguns poucos pensadores contemporâneos cuja leitura tem sido mais acessível por conta do idioma e publicações e, sobretudo, por suas abordagens com temas tão importantes e válidos para o nosso tempo. Certamente, existem vários outros autores que nutrem uma forte atração por sua crítica religiosa e que tem se aventurado a escrever sobre diversas formas e categorias sobre o seu pensamento.

CONCLUSÃO

O pensamento feuerbachiano sobre a religião, tal como foram descritos por este trabalho, nos levam a pensar em Feuerbach não somente como aquele que assume um papel de filósofo, mas também de exegeta, de historiador e de crítico no que diz respeito às maneiras como o homem e a religião foram entendidos no decorrer da história, sobretudo pela ótica do cristianismo, e posteriormente pela teologia predominante no seu tempo.

Devemos também dizer que as discussões sobre o conceito de religião em Feuerbach, retratadas nesta pesquisa, nos possibilitou ver que de modo algum ocorre uma separação de elementos chaves da filosofia: Deus e Homem; Homem e Natureza. Isso porque para Feuerbach, a concepção de Deus funda-se, essencialmente, a partir do próprio homem. Nesse sentido, os homens formam todos os tipos de deuses conforme suas semelhanças, não podendo, assim, Deus estar separado do homem. Já a natureza não seria distinta do homem, devido ele ser, fundamentalmente, pertencente a uma essência natural (amor, razão, vontade), não sendo pertinente, assim como é visto na religião cristã, uma cisão entre o homem e a natureza.

A religião, portanto, pode ser entendida como a manifestação mais íntima do homem. Segundo Feuerbach, a religião, ao invés de ser interpretada à luz da transcendência, deve apresentar-se como sendo algo meramente humano, limitado, imperfeito e finito, o que por sua vez nos possibilitará relacionar a religião com ideias tais como: antropoteísmo (a religião de um Deus que é humano), antropomorfismo (a representação de Deus sob forma humana), antropopatismo (a representação de Deus como dotado de afetos humanos).

O que fizemos nesta pesquisa foi tão somente apresentar o conceito de religião em Feuerbach e, aliado, portanto, à suas reações críticas e influências de seu pensamento, bem como a contemporaneidade de seus escritos, mostrar que o conceito de religião é Sentimento de Dependência, é a base da religião e, sobretudo, a natureza, o primeiro objeto desta; a religião é Autoconsciência-Projeção-Alienação e é também fruto do desejo humano. Segundo Feuerbach, a chave hermenêutica para a compreensão da religião é a antropologia, “teologia é antropologia”. Tudo que o homem fala acerca de Deus, através da linguagem religiosa, nada mais é que uma

confissão de suas aspirações de desejo e projeções. Deus é, portanto, o meu *summum bonum*, o ser do próprio homem em plena realização.

Esta pesquisa foi dividida em três momentos. Em um primeiro momento, sobre a vida e obra de Feuerbach, tratamos de apresentar o contexto histórico e sócio-cultural no período de Feuerbach, seu pensamento sobre a religião, o método que utilizou em sua abordagem crítica, a relação com Hegel e sua antropologia filosófica. Também abordamos questões sobre a relação da identidade do sujeito e essência humana, sujeito e predicado e amplitude antropológica da religião. Este primeiro momento da pesquisa foi usado como uma espécie de abordagem introdutória, para que pudéssemos chegar ao momento em que se constitui o centro real de nossa intenção, que é o de buscar entendimento sobre o conceito de religião em Feuerbach.

No segundo momento da pesquisa concentramos na discussão do conceito de religião em Feuerbach. Discorreremos sobre a ideia feuerbachiana de que o Sentimento de Dependência é à base da religião. Neste ponto, tratamos inicialmente de mostrar a similaridade da ideia da religião como Sentimento de Dependência de Feuerbach com os escritos de Schleiermacher. Também, consideramos em nossa abordagem as ideias de Serrão de que “o Sentimento de Dependência foi inteiramente transmutado em sentimento de superioridade, mediunizado pela submissão da natureza ao egoísmo”.²⁴⁶ O homem, portanto, cria Deus para que este crie a natureza, mas de tal modo que crie em função dele próprio. Daí, temos as ideias da *Natureza-tudo* versus *Natureza-nada* e também *Natureza desdivinizada*.

Coube também como parte de nossa abordagem sobre o conceito feuerbachiano de religião, as ideias de Autoconsciência-Projeção-Alienação sendo fontes geradoras capazes de permitir ao homem produzir religião. Feuerbach afirma que “a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita”.²⁴⁷ Muito embora, seja uma autoconsciência indireta, pois o ser humano religioso não apresenta a consciência de que a consciência de Deus é a consciência de sua essência. O autor defendeu primeiramente a teoria da *autoprojeção* – um processo inconsciente de alheamento de si que explica a ilusão da consciência religiosa – para depois inverter esse raciocínio e reduzir/traduzir o conteúdo da

²⁴⁶ SERRÃO, 1999, p. 267.

²⁴⁷ FEUERBACH, 1997, p. 44.

religião para seu verdadeiro dono, o homem. Aquilo que é aparentemente divino, não passa de uma realidade humana. Sendo assim, “o homem projeta, cria imagens que não correspondem aos fatos do mundo exterior. Ele projeta o que existe reprimido e latente em sua própria natureza, suas potencialidades não realizadas em sua experiência histórica”.²⁴⁸ Por isso, “a hermenêutica de Feuerbach, exige que todos os símbolos que parecem apontar para o além sejam traduzidos como projeções aqui”.²⁴⁹

Vimos também que a religião é formulada a partir do desejo do homem, pois é o homem um ser de desejo, e a religião surge como sendo fruto desse desejo humano. Apresentamos também elementos da religião que, segundo Feuerbach, são todos frutos do desejo do homem. A *oração*, extremamente ligada ao desejo humano, espécie de diálogo consigo mesmo, com o seu ser; o *amor*, o qual não abstrato ou geral é sem dúvida algum amor ao Deus subjetivo e pessoal, advindo do seu mais íntimo desejo; a *fé*, fenômeno íntimo e essencialmente ligado ao desejo; e por fim, o *milagre* que é na concepção feuerbachiana a própria natureza do desejo. Para ele, a força milagrosa divina manifesta, mostra-nos, somente a força dos desejos humanos. Apresentamos ainda neste segundo momento aspectos imanentes da transcendência do desejo, tratados especificamente em relação à ideia de céu.

No terceiro momento em que trata sobre os desdobramentos da crítica religiosa de Feuerbach, procuramos tomar alguns pontos que pensamos ser centrais na reflexão a que nos propomos, sem a pretensão de esgotar as possibilidades. Neste item, tratamos de expor de forma sumariada as principais críticas dirigidas a Feuerbach em sua conceituação da religião. Críticas estas descritas nos pensamentos de Marx e Engels, Max Stirner e Bruno Bauer. Também, não somente nos detemos nas principais reações críticas ao pensamento feuerbachiano da religião, também foi feita uma abordagem sobre as principais influências do pensamento crítico-religioso de Feuerbach. Mostramos que é perceptivo e inegável o fato de que, sem dúvida alguma, o pensamento feuerbachiano exerceu nitidamente influência na formulação dos pensamentos e ideias de Marx, Nietzsche e Freud. O que de certo modo legitima a relevância do pensamento crítico de

²⁴⁸ WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. A Morte de Deus. 2010. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexão/mortededeus.asp>>. Acesso em: 05 mar. 2014

²⁴⁹ ALVES, 1984, p. 63.

Feuerbach sobre a religião e potencializam o entendimento da contemporaneidade de seus escritos, levando outros teóricos contemporâneos a suscitarem novas e válidas discussões sobre diversos temas circunscritos em suas obras.

Com isso, a partir da trajetória aqui percorrida sobre o pensamento do filósofo, podemos dizer que não apenas inaugura uma nova forma de pensar, no Ocidente, com sua crítica religiosa, mas também desenvolve questões que na atualidade compõem a agenda filosófica de áreas como a filosofia da mente e a neurociência, temas que apesar de não serem abordados por esta pesquisa, no entanto, são vertentes do pensamento feuerbachiano que poderão ser analisados. As questões levantadas por Ludwig Feuerbach e sua forma de pensar sobre a religião conservaram-se na cultura do século XX e permaneceram nos campos da ciência e da filosofia. Contudo, Feuerbach não está apenas circunscrito na história, mas presente também em nosso pensamento.

REFERÊNCIAS

ALCKMIN, Rodrigo Maciel. *MARX E FEUERBACH: da Sensibilidade à Atividade Sensível*. Belo Horizonte. UFMG / FAFICH. 2003. 174 p.

ALVES, Rubem Azevedo. *O Enigma da Religião*. 3ª ed., Campinas: Papirus, 1984.

_____. *O que é religião*. 5ª ed., São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *O Suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: Paulus, 1999 (coleção tempo de libertação, 7).

ALVES, Wodson Vieira. *A Crítica Feuerbachiana da Religião: Um Contributo à Compreensão do Conceito de Alienação Religiosa*. In: Revista Eletrônica Espaço Teológico. Maio de 2010, p. 71-76. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>>. Acesso em: 15 maio. 2014.

ARMAND, É.; BARRUÉ, J; FREITAG, G. *Max Stirner e o anarquismo individualista*. São Paulo/Rio de Janeiro: Imaginário/Nu-Sol/IEL, 2003.

BARRUÉ, J. Da educação. In: STIRNER, M. *O falso princípio da nossa educação*. São Paulo: Imaginário, 2001. p. 23-58.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2ª ed., São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenes de. (organizadores). *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, 304p. (série filosofia, 8)

DÍAZ, C. Max Stirner: *Uma filosofia radical do eu*. São Paulo: Imaginário/Expressão e arte, 2002.

DROGUETT, Juan Guillermo. *Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ENCICLOPÉDIA Britânica do Brasil Publicações Ltda. Psicanálise Lacaniana. Psicanálise. Disponível em: <http://lacan.orgfree.com/psicanalisebarsa.htm>. Acesso em: 13 mar. 2014.

ESPÍNDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da crítica da religião à defesa da dignidade humana*. In: Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v.32, nº 1, p. 3-8, jan./jun. 2011.

ESPÍNDOLA, Arlei de. *Feuerbach: da Crítica da religião à defesa da dignidade humana*. Semina: ciências sociais e Humanas. Londrina, V 32, n. 1, p. 3-8, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revista/uel/index.php/seminasoc/article/viewfile/10464/11447>. Acesso em: 09 jun. 2014.

FEUERBACH, L. Prefácio da 2ª Edição. [1843] In: FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2002. [1841]. p. 419-440.

FEUERBACH, Ludwig. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Campinas: Papyrus, 1989.

_____. *A Essência do Cristianismo*. Trad. José da Silva Brandão, 2ª ed., Campinas: Papyrus, 1997.

_____. *Escritos en torno a La esencia del cristianismo*. Tradução de Luis Miguel Arroyo Arrayás. Madrid: Tecnos, 2001.

_____. *Filosofia da Sensibilidade*. Escritos (1839-1846) Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2005.

_____. *La Esencia de La Religión*. Tradução de Tomás Cadrado Pescador. 2 Ed.

_____. *Necessidade de uma reforma da filosofia*. Trad. Port. Artur Mourão, Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Trad. Port. Artur Mourão, Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia*. Trad. Port. Artur Mourão, Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.

FRANÇA, Rodrigo Ornelas. *Essencialismo e Modernidade: a crítica de Max Stirner*. Salvador, 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012, 82 f.

FREDERICO, C. *O Jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social*. 2. Ed. São Paulo: Expressão popular, 2009.

FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

_____. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HAHN, P. Consciência e Emancipação. *Uma Reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

HARVEY, Van A. *Feuerbach and the interpretation of religion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

KASSICK, C. *Stirner: A filosofia do eu*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

LA MAZA, L. *Tiempo e história en la Fenomenología del espíritu de Hegel*. Ideas y valores. Bogotá, nº 33, p. 3-22. abr. 2007.

LABICA, Georges. *As “teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

LOGOS Apologética Cristã. Freud: o conflito entre natureza e cultura, 2014. Disponível em: <<http://logosapologetica.com/freud-conflito-natureza-cultura/>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

LÖWITH, Karl. *De Hegel a Nietzsche*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1968.

Madri, Espanha: Editorial Páginas de espuma, 2008.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978, 3ª Edição.

MARX, K.; ENGELS, F. I – Feuerbach (Introdução). *A ideologia em geral, em especial a filosofia alemã*. [1846] In: MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 85-88.

MARX, Karl, 1818-1883. *A Ideologia Alemã*, 1º capítulo: seguido das Teses sobre Feuerbach\ Karl Marx, Friederich Engels. Tradução Silvio Donizete Chagas. São Paulo, Centauro, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas* v. 3. São Paulo: Editora Alfa e Omega, 1977.

_____. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec. 1999.

_____. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001

_____. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.

MELO, Regiany Gomes. *Homem e Sensibilidade em Ludwig Feuerbach: Crítica à Teologia Cristã e à Filosofia Especulativa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6559/1/2012-DIS-RGMELLO.pdf>>

Acesso em: 21 abril. 2014.

_____. *Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada*. In: Intuitio, portal de periódicos da PUCRS, Porto Alegre, Vol.4 – Nº. 2, novembro 2011, p.224-236. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/9685>>. Acesso em: 22 abril. 2014.

MERUJE, Márcio. Amor e Sofrimento: Entre Ludwig Feuerbach e René Girard. Coleção: Covilhã: Artigos LusoSofia, 2010. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/meruje_marcio_feuerbach.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2014.

MIRANDA, J. Stirner. *O passageiro clandestino da história*. In: STIRNER, M. O único e sua propriedade. Lisboa: Antígona, 2004. [1844] p. 295-339.

MONDIM, Batista. *Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. Battista. *O homem, quem é ele?: Elementos de uma antropologia filosófica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

MONTEIRO, Fabrício Pinto Monteiro. O Materialismo no Debate Feuerbach, Stirner e Marx: Relevâncias para a História Social contemporânea? Revista de teoria da história ano 2, número 5, junho/2011. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/teoria/article/viewfile/28967/16138>. Acesso em: 22 abr. 2014.

MONTEIRO, Fabrício Pinto. *O Materialismo no Debate Feuerbach, Stirner e Marx: Relevancias para a História Social Contemporânea?* In: Revista de Teoria da História, ano 2, número 5, Goias, junho/2011. Disponível em: <<http://revistadeteoria.hidtoria.ufg.br/uploads/114originalArtigo9.MONTEIRO.pdf?1325210624>>. Acesso em: 08 maio. 2014.

REDYSON, Deyve. *Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético*. In: Argumentos, revista de filosofia, ano 3, nº. 5, 2011, p. 7-13.

RIALE, Giovanni. *História da Filosofia: do romantismo até os nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991.

RODRIGUES, Adriani Milli. *Religião, Teologia e antropologia: O Confronto entre Karl Barth e Ludwig Feuerbach*. Belo Horizonte, V. 7, n.14, 2009. Disponível em:

<<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3629698.pdf%E2%80%8E>>. Acesso em: 18 de mar. 2014.

ROSA, Merval. *Antropologia Filosófica: uma perspectiva cristã*. 2ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 2004.

_____. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991.

SAMPAIO, B. A.; FREDERICO, C. *Dialética e materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p.7.

SARTÓRIO, Lúcia aparecida Valadares. *A Antropologia de Feuerbach e alguns Delineamentos acerca de uma Possível Influência no Pensamento de Marx*, 2001. Disponível em: <http://www.verinotio.org/di/di15_antropologia.pdf>. Acesso em: 21 abril. 2014.

SCHMIDT, Alfred. *Feuerbach o la Sensualidad Emancipada*. Tradução de Júlio Carabaña. Madrid: Taurus Ediciones, 1975.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o Projecto de uma Antropologia Integral*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.

SHÜTZ, Rosalvo. *A Crítica da Religião de Feuerbach*. In: Studium: Revista de Filosofia. Ano 4- N° 7 e 8 – Recife, 2001.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

SOUZA, José Crisóstomo de. *A Questão da Individualidade: a crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

STIRNER, Max, *O Único e sua Propriedade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.

TAYLOR, C. *Hegel e a sociedade moderna*. 1ª edição. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. 6ª ed., São Leopoldo: Sinodal, 2001, p.87.

VIOLA, Rosane. *Comunicação Oral: A Dimensão do Divino em Ludwig Feuerbach*. Slideshare, 2013. Disponível em: <<http://www.pt.slideshare.net/RosaneViola/comunicacao-oral-feuerbach>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. *A Morte de Deus*. 2010. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexão/mortededeus.asp>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991.